



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBa
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

THOMAZ VINICIUS NUNES CARVALHO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS MARANHENSE: presença/ausência de
artigo definido diante de nome próprio na fala de habitantes das cidades de São Mateus e São
Luís

Bacabal – MA
2025

THOMAZ VINICIUS NUNES CARVALHO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS MARANHENSE: presença/ausência de artigo definido diante de nome próprio na fala de habitantes das cidades de São Mateus e São Luís

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Santos

Bacabal – MA
2025

CARVALHO, Thomaz Vinicius Nunes.

Variação linguística no português maranhense: presença/ausência de artigo definido diante de nome próprio na fala de habitantes das cidades de São Mateus e São Luís. Thomaz Vinicius Nunes Carvalho. Bacabal – 2025.

XX fls.

Orientador: Wendel Santos

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus Bacabal, Curso de Letras, MA, 2025.

1. Língua Portuguesa – Bacabal 2. Sociolinguística Variacionista 3. Realização de artigo definido diante de antropônimo 4. Sintaxe 5. Variação e Mudança.
I. Santos, Wendel. II. Título.

CDU:

THOMAZ VINICIUS NUNES CARVALHO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS MARANHENSE: presença/ausência de artigo definido diante de nome próprio na fala de habitantes das cidades de São Mateus e São

Luís

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em: __/__/____.

Banca Examinadora:

**Prof. Dr. Wendel Santos/UFMA
(Orientador)**

Examinador 2

Examinador 3

AGRADECIMENTOS

Antes de prosseguir, gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a consumação da minha vida acadêmica durante os últimos 5 anos.

Em primeiro lugar — e não poderia ser diferente — agradeço a Deus, criador da prata e do ouro, pelo dom da vida e por guiar-me em todos os momentos, sobretudo nos mais difíceis.

Em seguida, agradeço à minha avó, Deusinha, responsável por fazer-me o que sou hoje. Por me ajudar tanto financeiramente como em orações. (E por me aguentar durante esses 23 anos).

Agradeço também à minha mãe, Daiany, que sempre me apoiou e que me serve como fonte de inspiração e superação.

Ao meu pai, sem o qual não teria nascido.

À toda minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo apoio incondicional, compreensão e amor. Sem o encorajamento deles, certamente este trabalho não teria chegado ao fim.

Ao meu professor e orientador Wendel Santos, que deu luz sobre o tema que trabalharia no TCC e que, posteriormente, atendeu o pedido de ser meu orientador, auxiliando-me no desenvolvimento deste trabalho. Obrigado pelos direcionamentos, correções e sobretudo paciência.

À amiga Karoline, amizade de são-mateus feita na UFMA — apesar de inúmeras discordâncias. Companheira de todos os trabalhos.

Ao amigo Ednardo, outra amizade de São Mateus feita na UFMA que perdura até hoje.

Aos amigos Ricardo, David e Dinah pela prazerosa amizade, pelos momentos de descontração e por serem meu suporte dentro de Bacabal.

Aos amigos de todos os momentos, Eduardo e Gabriel.

Aos amigos que a docência me deu, Carol, Joacy, Lucílio, Helcio e Selma.

A todos os professores do curso de Letras, pelo trabalho e pelos conhecimentos transmitidos durante esta jornada. Agradeço em especial aos professores Luís Henrique, Valnecy Correa e Paulo Lima, que sempre estiveram à disposição para me ajudar.

Enfim, agradeço a todos os familiares, amigos, colegas e professores que, de alguma forma, colaboraram para que este trabalho se tornasse realidade. Cada um de vocês desempenhou um papel significativo nesta etapa importante da minha vida acadêmica.

Obrigado a todos.

“Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus.”

1 Tessalonicenses 5:18

RESUMO

A variação na realização de artigo definido antes de antropônimo é um fenômeno de ordem linguística que vem ganhando destaque em pesquisas que se propõe a descrever o português brasileiro (CALLOU & SILVA, 1997; LEITE, 2002; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008). Entretanto, convém ressaltar que, quando se trata de analisar ou descrever tal fenômeno no contexto da variedade linguística do português maranhense, essa questão tem sido abordada de maneira tímida. Nesse sentido, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]), a presente pesquisa se propôs a investigar a restrição dos fatores linguísticos e sociais que se correlacionam à realização ou não de artigo definido antes de nomes próprios de pessoas (a exemplo de O João é um bom menino / Ø João é um bom menino) no português falado em São Mateus e São Luís, Maranhão. Para tanto, foram analisadas 16 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes dessas cidades, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, sua faixa etária e escolaridade. Os resultados das análises, realizadas no programa GoldVarb X, apontam para o fato de que a familiaridade do falante com nome citado e, sobretudo, a região de origem são as variáveis sociais que mais se correlacionam ao fenômeno em foco. Em geral, observou-se que os falantes são-mateuenses tendem mais a antepor o artigo a nomes próprios em comparação aos ludovicenses. Nesse sentido, verificou-se, através dos resultados das variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, que não há diferença significativa entre homens e mulheres, jovens e mais velhos e pessoas mais ou menos escolarizadas quanto à realização do artigo. No que tange às variáveis linguísticas, os resultados mostraram que todas se correlacionam ao fenômeno em questão. Assim sendo, através dos resultados obtidos, espera-se contribuir para o estabelecimento dos padrões de realização de artigo definido diante de nome próprio de pessoa no português brasileiro, bem como para uma caracterização mais detalhada do português falado no Maranhão.

Palavras-chave: Variação linguística. Artigo definido. Nome próprio. Português brasileiro. Português maranhense.

ABSTRACT

The variation in the use of the definite article before personal names is a linguistic phenomenon that has been gaining prominence in research aimed at describing Brazilian Portuguese (CALLOU & SILVA, 1997; LEITE, 2002; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008). However, it is worth noting that when it comes to analyzing or describing this phenomenon in the context of the linguistic variety of Maranhão Portuguese, this issue has been approached somewhat timidly. In this sense, based on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), the present research aimed to investigate the constraints of linguistic and social factors that correlate with the use or omission of the definite article before personal names (e.g., *O João é um bom menino* / *Ø João é um bom menino*) in the Portuguese spoken in São Mateus and São Luís, Maranhão. To this end, 16 sociolinguistic interviews conducted with speakers from these cities were analyzed, stratified according to their sex/gender, age group, and level of education. The results of the analyses, conducted using the GoldVarb X program, indicate that the speaker's familiarity with the cited name and, especially, the region of origin are the social variables that most correlate with the phenomenon in question. In general, it was observed that São Mateus speakers tend to use the article before personal names more frequently compared to São Luís speakers. In this regard, the results for the variables sex/gender, age group, and level of education showed no significant difference between men and women, younger and older individuals, or more and less educated people in terms of article usage. As for the linguistic variables, the results showed that all of them correlate with the phenomenon under study. Therefore, based on the findings, this research hopes to contribute to establishing patterns of definite article usage before personal names in Brazilian Portuguese, as well as to a more detailed characterization of the Portuguese spoken in Maranhão.

Keywords: Linguistic variation. Definite article. Proper noun. Brazilian Portuguese. Maranhão Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1.....	15
A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	15
CAPÍTULO 2.....	22
POSIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE NOME PRÓPRIO.....	22
CAPÍTULO 3.....	28
CORPUS E MÉTODOS DA PESQUISA.....	28
CAPÍTULO 4.....	45
ANÁLISES QUANTITATIVAS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

De certo modo, pode-se afirmar que a variedade do português maranhense vem ganhando destaque — sobretudo no meio acadêmico — no que tange ao estudo de suas marcas dialetais. Em geral, esses estudos refutam a máxima, amplamente difundida entre os maranhenses, de que o português do Maranhão é o português mais bem falado do Brasil, muito em razão da aproximação de algumas de suas marcas com as do português de Portugal, mas, ao contrário, destacam o fato de que “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade que a emprega. (...) É também resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares” (Bagno, 1999, p. 48).

Assim sendo, a afirmação de que o português maranhense é o melhor português do Brasil — ancorada na perspectiva de uma língua funcional ser mais bela e mais correta que outra — não passa de uma falácia, visto que cada localidade possui suas próprias características linguísticas, características essas que são meros reflexos da formação sociocultural de seu povo.

Sabendo-se disso, e de que a língua (mecanismo abstrato e organizado responsável por facilitar a comunicação entre indivíduos de uma comunidade) vai se modificando conforme as necessidades de seus falantes, é que a Sociolinguística — área da Linguística na qual a presente pesquisa encontra-se situada — situa-se, no sentido de ocupar em examinar/descrever os fatores externos e internos que contribuem, por exemplo, para que a variedade maranhense do português se distinga das variedades cearense, paraense e carioca da referida língua (portuguesa falada no Brasil).

No contexto da descrição da variedade linguística maranhense, destacam-se os trabalhos pioneiros desenvolvidos pelo Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), no sentido de que este projeto analisa o português maranhense a partir da perspectiva de modelos de análise (socio)linguística e dialetológica.

Santos (2015) explica que as descrições do falar maranhense podem ser organizadas em dois momentos: o primeiro deles refere-se aos estudos realizados por Mota (1976[1928]), que fez um registro semântico-lexical da fala de sertanejos residentes no Maranhão, Abreu (1931), com a publicação da obra *Terra das Palmeiras*, e Vieira Filho (1958), que compilou vocábulos representativos do português falado no Maranhão; o segundo desses momentos são as pesquisas de Azevedo (1976) e Azevedo, Vieira e Melo (1980), que, para além de aspectos lexicais, analisaram sinais linguísticos característicos da fonologia, da morfologia e da sintaxe

dessa variedade linguística. Entretanto, são escassas as pesquisas cujo foco central seja comparar as variedades linguísticas existentes dentro da própria variedade maranhense do português.

O ALiMA avança também nesse sentido, já que analisa diferentes variedades locais, muito embora os resultados por ele fornecidos não deem conta de retratar, em sua totalidade, o português enunciado em algumas regiões do estado. Ao analisar os dados linguísticos referentes à região do Médio-Mearim, verifica-se, por exemplo, que algumas cidades não tiveram sua realidade linguística descrita. É o caso de São Mateus do Maranhão, município localizado a 180 km da capital São Luís.

Cortada pela BR-135 — principal rodovia de acesso à capital — a cidade de São Mateus localiza-se ao centro-norte do estado. Sua população, conforme estimativas do IBGE¹, em 2021, era de 41.750 habitantes, estando, desse modo, entre os municípios mais populosos da região. Lopes (2011) destaca que o povoamento do município começou, de fato, nos anos 1940, quando chegaram, no que hoje se conhece por bairro Piqui, um grupo de piauienses — liderados por Absalão Cândido Feitosa — que veio a juntar-se com os poucos portugueses que ali residiam. A partir dali, passaram a explorar as terras férteis e as excelentes pastagens da região, desenvolvendo atividades voltadas para a lavoura e a pecuária.

Embora seja do interior, é considerada uma cidade importante por alguns fatores, dentre os quais destacam-se sua localização estratégica, que conduz a São Luís pessoas de várias outras localidades, além de seu protagonismo na agricultura, sendo um dos maiores e mais importantes pólos de produção de arroz do estado.

Posto isso, com o objetivo de contribuir para a descrição do português maranhense de maneira mais ampla, esta pesquisa objetiva investigar a realização ou a não realização de artigo definido diante de antropônimo (nome próprio) na fala dos habitantes de São Mateus em comparação com a realização ou não desse sinal linguístico na fala dos habitantes da capital, São Luís, a exemplo de:

- (1) **Informante são-mateuense:** “*Vi O Sirnande dia desses lá na porta do Vinólia*” (MárioS.M1M)
- (2) **Informante são-mateuense:** “*fui com a Vanessa e O Antônio lá...*” (FranciscaP.F2M)

¹ Informação disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-mateus-do-maranhao/panorama> Último acesso em 15 de maio de 2023.

(3) **Informante ludovicense:** “*Teó já disse prO Luís isso*” (NildeF.F2S)

(4) **Informante ludovicense:** “*Ø Hector já lanchou?*” (HertzM.M3S)

A justificativa para a realização de tal estudo reside na observação empírica de que, apesar de tal fenômeno linguístico já ter sido amplamente descrito no português a nível nacional (cf. CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008), pouco se tem investigado tal variável linguística, considerando-se a variedade maranhense do português brasileiro.

Assim sendo, o presente estudo parte, em um primeiro momento, da compreensão de que as gramáticas tradicionais consideram como redundante colocação do artigo definido diante de substantivos próprios por estes já possuírem uma elevada carga semântica, (BECHARA, 2019; p.170²). Entretanto, pode-se perceber, por intermédio de alguns estudos como os de Dinah Callou e Giselle Silva (1997), que a realidade linguística de algumas regiões do Brasil destoa dos manuais de gramática, apresentando uma heterogeneidade quanto ao uso da classe gramatical em questão antes de nomes próprios de pessoas.

Nesse sentido, o objetivo mais geral do presente trabalho é analisar a realização variável de artigos definidos diante de antropônimos. Especificamente, busca verificar quais fatores estruturais e extralinguísticos se correlacionam a quais variantes linguísticas, de modo a descrever o encaixamento sociolinguístico da variável nas duas cidades em questão. Com base nesse último aspecto, pretende-se observar se o fenômeno em tela encontra-se em variação estável ou se há indício de mudança em curso, impulsionada especialmente pela fala dos informantes mais jovens.

Dessa forma, para que se analise e se compare a ocorrência desse fenômeno linguístico nos municípios de São Mateus e São Luís, serão utilizadas amostras de fala de são-mateuenses e ludovicenses, igualmente estratificadas pelo sexo/gênero desses informantes, sua faixa etária, além de sua escolaridade. No mais, a pesquisa aqui projetada busca responder a duas questões elementares: como se dá a realização de artigo definido diante de antropônimo, ao considerar-se duas localidades não-limítrofes, a saber São Mateus do Maranhão e São Luís? Quais os padrões sociolinguísticos dos usos desse fenômeno nessas duas cidades?

² BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. – 39. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Com base nisso, são objetivos deste trabalho:

- i) investigar a realização morfossintática ou a não do artigo definido diante de antropônimos, na fala de são-mateuenses e ludovicenses;
- ii) verificar se o fenômeno apresentado configura-se como um caso de variação estável ou se há indício de mudança em curso;
- iii) analisar a correlação de fatores linguísticos, como a posição em que o antropônimo ocupa em uma dada oração, e extralinguísticos, a exemplo da familiaridade que o falante supõe que o ouvinte tenha acerca da entidade mencionada, fatores já testados em outras pesquisas acerca da realização variável do fenômeno em tela;
- iv) analisar a correlação de informações sociais nesse caso de variação/mudança, a saber sexo/gênero, faixa etária e escolaridade dos falantes.

A investigação sociolinguística desse fenômeno em questão proporcionará uma descrição mais precisa da variedade falada nas cidades em foco, resultando em uma descrição mais profícua da fala maranhense.

O capítulo um, a seguir, traz uma breve apresentação dos estudos sociolinguísticos de linha laboviana (Labov, 2008[1972]). Faz-se uma breve reflexão sobre a análise variável de formas sintáticas.

O foco central do capítulo dois é a abordagem dada ao estudo da posição do artigo definido diante de nomes próprios, tanto em gramáticas normativas quanto em descritivas. Em contraste a isso, uma série de estudos variacionistas é apresentada, com o objetivo de descrever esse fenômeno linguístico no contexto do português brasileiro.

No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia adotada para a realização da pesquisa. São fornecidas informações pertinentes sobre as cidades de São Mateus do Maranhão e São Luís, suas respectivas áreas geopolíticas, assim como o perfil dos informantes do estudo aqui desenhado. Além disso, são detalhados os instrumentos utilizados, incluindo o roteiro de entrevista. São apresentadas de forma qualitativa as variáveis linguísticas e sociais consideradas no estudo.

No capítulo quatro, por sua vez, são apresentados os resultados estatísticos derivados das análises das variáveis linguísticas e sociais no software Goldvarb X. Aqui, retomam-se as perguntas/hipóteses apresentadas no início do estudo, de maneira a verificar se são confirmadas ou refutadas, graças às análises realizadas. A partir daí, são formulados os

padrões gerais de uso da variação na realização morfossintática de artigo definido, diante de antropônimos nas cidades de São Mateus do Maranhão e São Luís.

O trabalho é concluído com as considerações finais e a apresentação das referências bibliográficas que fundamentaram teoricamente a condução desta pesquisa.

CAPÍTULO 1

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O presente trabalho tem o interesse de verificar, à luz da Sociolinguística Variacionista (labov, 2008[1972]), a variação entre a ausência/presença de artigo definido antes de antropônimos (nomes próprios) — a exemplo de “O João está aqui” “Ø João está aqui” — na fala de habitantes das cidades de São Mateus do Maranhão e São Luís, a fim de delimitar, em última instância, a tendência maranhense, que é a de realização, para esse aspecto morfossintático, estabelecendo-o como (um) traço de identidade linguística no cenário nacional do português brasileiro.

A realização ou não de artigo definido, diante de antropônimo é uma variável linguística que chama bastante a atenção da sociolinguística brasileira (cf. CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008). No entanto, é importante destacar que, quando se trata de analisar ou descrever tal fenômeno de variação no contexto da variedade linguística do português maranhense, essa questão tem sido abordada de maneira mais tímida — fato que reforça a relevância deste estudo, no sentido de que ele contribui para dirimir um pouco mais essa lacuna.

A variação em questão está relacionada — como falado no parágrafo inicial deste capítulo — ao âmbito morfossintático da língua, ou seja, às estruturas morfológicas e sintáticas que regem o seu funcionamento (COELHO et al, 2015)³. Dessa forma, para uma compreensão completa desse fenômeno, é imprescindível incorporar uma discussão mais ampla que vá além dos níveis do sistema linguístico. Nessa perspectiva, a análise deve considerar outras variáveis que influenciam na ocorrência dessa variação. Assim, este estudo propõe-se a abarcar uma análise cuidadosa da relação entre língua e sociedade — compreendendo como fatores sociais, culturais e linguísticos se correlacionam com a seleção do uso do artigo definido diante de nomes próprios.

A correlação estreita entre as informações sociais dos falantes e o uso de certas formas linguísticas é o centro do interesse da Sociolinguística Variacionista, ou laboviana, já que, como bem explicam Coelho e colegas (2015, p. 14), tem no linguista norte-americano, William Labov, seu principal expoente ou, ainda, quantitativa, “porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de uso da

³ COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

língua”, o que possibilita a análise estatística desses dados, de maneira a apurar, de maneira mais precisa, os resultados alcançados.

Nesse contexto, a Sociolinguística surge, com o intuito de destacar a relevância de aspectos linguísticos e sociais na explicação da variação e das mudanças que ocorrem na língua, bem como possíveis mudanças futuras. Martelotta (2011) argumenta que a abordagem sociolinguística considera a língua como uma instituição social, o que implica que ela não pode ser estudada de forma isolada e desvinculada dos aspectos sociais e subjetivos dos falantes. Ele acrescenta ainda que:

“Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (Martelotta, 2011, p.141).

Tal pensamento acerca da relação entre língua e sociedade se consolida com a publicação, por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], dos fundamentos teórico-metodológicos da área de estudos em questão. De acordo com esses estudiosos, a variação linguística é influenciada não apenas por fatores internos (linguísticos) mas também por fatores externos (sociais). Em seu trabalho, os autores propuseram um novo modelo de análise linguística, que leva em conta os fatos relacionados ao seu uso variável, bem como os motivadores que a determinam:

“Por fim, sugerimos um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável de seus determinantes sociais e estilísticos que não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria de mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística história vem lutando há mais de meio século (Weinreich, Labov; Herzog, 2006[1968], p. 34)”.

Ao adotar a perspectiva que valoriza a relação com o social, Labov, conforme salientado por Coelho (2012), acabou por romper com a relação estabelecida por Saussure entre estrutura e sincronia, por um lado, e história evolutiva e diacronia, por outro — ainda que o genebrino a enxergasse como um *fait social*⁴, como destaca Monteiro (2008)⁵. Sendo assim, Labov aproximou tanto a sincronia quanto a diacronia das noções de estrutura e funcionamento da língua.

⁴ Para Durkheim, trata-se de padrões de comportamento, crenças e instituições que influenciam os indivíduos de uma sociedade.

⁵ MONTEIRO, José Lemos. Para Compreender Labov. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

Essa mudança de paradigma também se reflete no afastamento da Sociolinguística das correntes teóricas anteriores, como a Estruturalista e a Gerativista, que enfatizavam uma perspectiva em que as regras e relações internas dos componentes da gramática eram consideradas suficientes para descrever a língua. A Sociolinguística, por seu turno, passou a levar em conta possíveis influências externas em seus estudos; reconhecendo, dessa maneira, que o sistema linguístico não é homogêneo e que existem variações e influências da fala (*parole*) sobre os elementos da língua⁶ (Coelho et al, 2012⁷).

Essa abordagem heterogênea do sistema linguístico também levou a Sociolinguística a romper com a ideia de língua e falantes ideais; passando, assim, a considerar o falante em situações reais de uso da língua como objeto de estudo. Labov (2008 [1972]) destaca que a Sociolinguística se interessa em identificar os aspectos sociais presentes na fala de cada indivíduo, reconhecendo que a linguagem é influenciada por diversos fatores — sobretudo sociais — em suas manifestações reais.

Labov (1972), ao estudar a realização de /r/ em palavras como *car* ‘carro’ e *four* ‘quatro’ no inglês novaiorquino, trouxe algumas discussões importantes sobre suas principais pesquisas e outros estudos. Isso, por consequência, acabou contribuindo para o fortalecimento da área de pesquisa em que é considerado o principal expoente; fornecendo, desta forma, um modelo mais eficaz para a busca e identificação de padrões linguísticos.

No que tange à escolha do nome Sociolinguística para a área dos estudos linguísticos em questão, Labov, no mesmo livro, ao apresentar o surgimento dessa área dos estudos linguísticos, fala que resistiu a esse termo por muito tempo. Diz ele: "por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social" (LABOV, 2008; p.13 [1972]).

Nesse sentido, fica evidente que a intenção de Labov não era apenas quantificar dados sem um objetivo específico; mas, sim, revelar quais fatores de ordem social influenciam o processo linguístico. O pesquisador buscava entender como a língua era moldada pelas dinâmicas sociais, posto que "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 2008, p. 21 [1972]). Em outras palavras, Labov procurou identificar padrões de variação em

⁶ Labov (2008; p.306 [1972]: 306) afirma que, para alguns linguísticas que priorizavam apenas os fatores internos, “a influência da sociedade” interferia no “desenvolvimento” da língua, e que, por isso, poderia ser considerada “assistemática” e até ‘catastrófica’.

⁷ COELHO, Izete Lehmkuhl ... [et al.]. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2012.

diferentes grupos sociais, estabelecendo, assim, uma relação entre os fatores sociais e as variantes linguísticas⁸ utilizadas pelos falantes.

Oliveira⁹ (2017) destaca que, ao se propor fazer uma pesquisa à luz da Sociolinguística Variacionista, é importante considerar ambiente social do uso da língua, posto que “desvinculá-lo do contexto de uso língua é dar a ela um tratamento mecânico, desligado da realidade dos indivíduos que a manejam (OLIVEIRA, 2017; p.05)”. Em outras palavras, o que se propõe aqui é a análise social da língua, visto que, para compreendê-la de maneira mais ampla, é essencial considerar o contexto no qual está empregada.

Em suma, a Sociolinguística trouxe uma nova abordagem ao estudo da linguagem, considerando suas dimensões sociais e históricas, bem como a relevância do contexto situacional e das influências externas no funcionamento da língua, o que rompeu com paradigmas anteriores e enriqueceu a compreensão em torno do funcionamento linguístico.

Assim sendo, a Sociolinguística Variacionista ou Laboviana — corrente na qual está situada a presente pesquisa — considera que toda língua é diversa, em razão da presença inerente da variação. Dessa forma, ela estabelece que não há somente uma forma individual para referir-se a um mesmo referente em um determinado contexto, estabelecendo, assim, o que se convencionou chamar de variantes linguísticas¹⁰. Ao conjunto delas, dá-se o nome de variáveis dependentes, que são condicionadas por uma série de fatores de ordem extralinguística, chamadas de variáveis independentes. De modo a exemplificar isso, Coelho afirma que:

as variáveis independentes, como o nome já sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente, também como o nome sugere, depende de sua relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que condicionam a forma de realização daquelas (Coelho et al, 2015, p. 20).

Antes de prosseguir, convém destacar que, para a autora, o termo “variável” pode se referir tanto ao local da gramática em que se sucede a variação quanto aos grupos de fatores — sejam eles de ordem estrutural (linguística) quanto de ordem contextual (social). Nesse sentido, Labov (2008[1972], p. 93) argumenta que uma variável “indica um foco de

⁸ Ver COELHO et al, 2015; Para Conhecer a Sociolinguística.

⁹ OLIVEIRA, Thiago Soares. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. Curitiba: Revista de Letras, 2017.

¹⁰ Ler: COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.

distribuições significativas dentro da unidade, condicionando aquilo que, de outro modo, seria considerado variação livre ou não condicionada”.

Aqui, objetiva-se analisar a variável dependente “realização de artigo definido diante de antropônimos”. Essa variável possui duas variantes: marcação e não marcação de artigo definido antes de nomes próprios de pessoas (**O** João é um bom menino / **Ø** João é um bom menino; O professor fez **A** Maria chegar mais cedo / O professor fez **Ø** Maria chegar mais cedo; Entregue o caderno d**O** João para **A** Maria / Entregue o caderno de**Ø** João para **Ø** Maria).

Com base nesses exemplos, percebe-se que, em algumas situações, o artigo definido "o" é utilizado antes do antropônimo; enquanto em outras ocasiões, ele é omitido, representado, aqui pelo símbolo "Ø"¹¹. A investigação dessa variável sociolinguística é relevante, pois a presença ou ausência do artigo definido pode revelar padrões de uso relacionados a fatores de ordem social, cultural e contextual. Por exemplo, pode haver, na fala do indivíduo, influência da classe social da qual faz parte, da sua idade e sexo a que pertence, além da localidade onde reside.

No que tange às variáveis linguísticas, isto é, fatores estruturais que influenciam a forma como as pessoas usam a linguagem, elas podem ser fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, discursivas e lexicais, como destacam Coelho et al (2015). No presente trabalho, foram selecionadas três variáveis linguísticas, a saber: *função sintática, estrutura de genitivo e tipo de antropônimo*, com base nas pesquisas variacionistas que subsidiam bibliograficamente este estudo (Callou & Silva, 1997; Mollica, 2003; Amaral, 2003; Alves, 2008).

A Sociolinguística Variacionista defende que a variação e a mudança são características inerentes à linguagem. Isso significa que tanto as sociedades quanto as línguas estão sujeitas a variações e mudanças ao longo do tempo, devido ao contexto em que o falante está situado. Por isso a noção de “língua viva”, difundida por muitos teóricos. Faraco (2019, p.)¹², ao destacar as características inerentes ao processo de mudança linguística, elenca pelo menos três aspectos em torno desse processo próprio das línguas naturais:

“Elas são lentas, graduais e localizadas. Em outras palavras, elas não se dão abruptamente, do dia para a noite, nem ocorrem de forma global e integral: as mudanças vão ocorrendo gradativamente, isto é, vão, a cada vez, atingindo partes da

¹¹ O símbolo (Ø) é utilizado neste trabalho para chamar a atenção à ausência do artigo definido em estruturas cuja alternância com sua presença é possível e realizável com o mesmo valor de verdade em situações reais de fala.

¹² FARACO, Carlos Alberto. História do Português. São Paulo: Parábola, 2019

língua e não sua totalidade. E mais: a gradualidade do processo histórico se evidencia ainda pelo fato de que a substituição de uma forma (x) por outra (y) passa sempre por fases intermediárias. Depois há o momento (quase sempre longo) em que x e y coexistem como variantes; depois há o momento (também normalmente longo) da competição entre x e y seguida do desaparecimento de x e da implantação hegemônica de y”.

Isso quer dizer que é importante compreender que as mudanças linguísticas não ocorrem de maneira repentina. Em vez disso, elas se sucedem ao longo do tempo — de forma lenta, gradual e localizada. Antes de uma mudança linguística se tornar definitiva e aceita, existe uma fase inicial caracterizada por variações, em que duas ou mais formas linguísticas competem entre si. j

Essa etapa de variação é um processo em que os falantes utilizam diferentes formas para fazerem referência a um mesmo referente. Assim sendo, as variantes podem estar relacionadas a elementos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos ou léxicos da língua. A título de exemplificação: em determinada comunidade linguística, pode haver variação na forma pela qual uma palavra é pronunciada, na concordância de um verbo, na ordem dos constituintes de uma sentença e na escolha de palavras para referir-se a um mesmo objeto. Nesse sentido, Tarallo (2007, p. 62) explica que a variação nem sempre acarreta a mudança, mas que “toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação”.

Quando não há dados que deem conta de explicar o processo de variação e mudança linguística ao longo do tempo, os estudos de cunho variacionista vêm recorrendo ao conceito de “tempo aparente”. Essa abordagem auxilia na análise sincrônica — ou seja, na análise de um determinado recorte temporal da estrutura linguística —, permitindo, por exemplo, investigar como certos elementos de natureza linguística variam entre falantes mais jovens e mais velhos em uma mesma comunidade linguística. Em outras palavras: o “tempo aparente” possibilita estudar a variação linguística e suas tendências ao observar a língua em um único ponto no tempo, mesmo sem informações históricas detalhadas (Labov (2008 [1972])).

Em se tratando da variável linguística morfossintática analisada neste estudo, propõe-se que, tanto a variante “marcação de artigo definido antes de nomes próprios de pessoas” (*O* João é um bom menino), quanto a variante “não marcação de artigo definido antes de nomes próprios de pessoas” (*Ø* João é um bom menino) mantêm o mesmo valor de verdade no que se refere à presença de um antropônimo em uma dada sentença (vários meninos), posto que a anteposição do artigo definido ao nome de alguém em nada altera o entendimento acerca dele — ainda que algumas gramáticas tradicionais considerem como redundante a sua colocação diante de substantivos próprios por estes já possuírem uma

elevada carga semântica, fato que dispensa a sua presença, a fim de identificá-los ou particularizá-los (Bechara, 2019, p.170¹³).

As variáveis sociais e discursivas (elementos de ordem externa que podem influenciar em um processo de variação) podem ser a escolaridade, sexo, faixa etária, a familiaridade que o falante supõe que o ouvinte tenha acerca da entidade mencionada e o empenho em definir melhor a entidade quando considera que o ouvinte não compartilha com ele desse conhecimento (Silva, 1996) entre outros.

Por fim, convém reforçar que este trabalho se norteia pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008 [1972]). Quanto ao estudo do processo da realização ou da não realização de artigo definido diante de nome próprio, especificamente, foram consultadas algumas pesquisas como referencial bibliográfico e metodológico (Callou & Silva, 1997; Mollica, 2003; Amaral, 2003; Alves, 2008). A abordagem feita por essas pesquisas, bem como a visão prescritivista da realização do referido fenômeno, será feita no capítulo dois, a seguir.

¹³ BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. – 39. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CAPÍTULO 2

A COLOCAÇÃO DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS

Neste capítulo, vai-se tratar da conceituação de antropônimo (cf. Amaral, 2011), da origem do artigo (cf. Tarallo, 1990; Bassetto, 2010), das regras de colocação do dele diante do nome de pessoas nas gramáticas de Evanildo Bechara (2009), Napoleão Mendes de Almeida (2009), Maria Helena de Moura Neves (2000) e das pesquisas sociolinguísticas sobre o referido fenômeno no português brasileiro (cf. Callou & Silva, 1997; Amaral, 2003; Mollica, 2003; Alves, 2008).

Realiza-se, aqui, uma revisão das regras de colocação de artigo definido antes de nomes próprios de pessoas encontradas nas gramáticas normativas de Bechara (2009) e Almeida (2009), bem como na gramática descritiva de Neves (2000), a fim de evidenciar essas duas abordagens gramaticais. Utilizam-se as duas gramáticas normativas mencionadas anteriormente, as quais se dedicam a um estilo mais formal e à modalidade escrita, devido à sua frequente referência nos estudos variacionistas do tema aqui abordado. Porém, optou-se por expor as concepções apresentadas pelas gramáticas descritivas como uma alternativa às normativas.

As gramáticas descritivas não apenas destacam as normas linguísticas, mas também reconhecem a presença de regras que podem variar. Elas se baseiam também no português falado cotidianamente no Brasil, de modo que voltam sua atenção ao registro mais informal e à modalidade falada, sem necessariamente excluírem a modalidade escrita (cf. Scardua, 2018).

2.1 CONCEITO E ORIGEM DO SUBSTANTIVO E DO ARTIGO

O antropônimo — ou melhor: o nome próprio de pessoa — faz parte da classe de palavras chamada substantivo. A tradição gramatical a divide em planos. O nome próprio de pessoa, por exemplo, faz parte do plano em que se situam os substantivos próprios, que, segundo Pasquale e Ulisses (1998), designam um único indivíduo particular de uma dada espécie. Evanildo Bechara vai ao encontro da proposição dos referidos linguistas, afirmando

que o substantivo próprio “é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente (Bechara, 2019, p.126)”.

São muitas as discussões levantadas acerca do nome próprio. Amaral (2011), desconsiderando a classificação homogênea dada historicamente aos antropônimos, propôs subclassificações para eles. De acordo com o estudioso, os antropônimos podem ser divididos em duas classes: a dos ortônimos e a dos alônimos. A primeira classe designaria os próprios nomes que constam no registro de nascimento (prenome e sobrenome); enquanto a segunda, os nomes que não constam no registro, mas que seus donos adotam ao longo de sua vida, por intermédio do contato social (apelido, pseudônimo, heterônimo, nome artístico e nome social.

Ocupando-se agora do artigo, sabe-se que tal classe gramatical surgiu, segundo Bassetto (2010), na fase tardia do latim vulgar — dialeto linguístico do qual o português provém. O linguista afirma ainda que o artigo definido (o, a, os, as) descende dos demonstrativos latinos *ille/ipse*, que significam, respectivamente, *aquele* e *o próprio*. Veja¹⁴:

PESSOA	SÉRIE SIMPLES	SÉRIE REFORÇADA
1ª Pessoa	istu(d) > isto	accu'ist(d) > aquesto > aquisto
2ª Pessoa	ipsu(m) > isso	accu'ipsu(m) > aquesse > aquisso
3ª Pessoa	illu(m) > elo > lo	accu'illu(d) > aquele > aquilo

Assim sendo, as línguas advindas do latim, com o passar do tempo, seguiram a tendência de esvaziar semanticamente tais demonstrativos, de modo a torná-los seus artigos. Com o surgimento do artigo definido, as línguas românicas tiveram um ganho de ordem morfológica não marcada, posto que o sistema linguístico passou a ter uma nova forma para retomar uma antiga função responsável por definir e determinar um substantivo. Embora tal função existisse no latim clássico, ela não era marcada de maneira formal (Tarallo, 1990, p.138).

¹⁴ Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1211388_2014_cap_2.pdf

2.2 VISÃO GRAMATICAL

Como dito, o artigo definido tem como papel definir um substantivo. Nesse sentido, Bechara (2019) destaca que, do ponto de vista semântico, a função precípua do referido elemento é identificar (e atualizar) o objeto designado pelo nome a que se liga,

“delimitando-o, extraíndo, de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte — quer através de discurso (que dele faz menção), quer pela dêixis (que o mostra, ordenando-o espacial e temporariamente, quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos [...]) (BECHARA, 2019; p.168)”.

Por já possuir esse valor identificador, as gramáticas tradicionais, até um tempo atrás, enxergavam como redundante a anteposição desse tipo de artigo a substantivos próprios (de antropônimos, especialmente), visto que estes, por sua natureza, já possuem uma elevada carga semântica — dispensando, dessa forma, a sua presença, a fim de identificá-los ou particularizá-los. Indo ao encontro de tal proposição, Evanildo Bechara, ainda em sua mais célebre obra — a Moderna Gramática Portuguesa —, afirma que, na linguagem culta, “tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa-se o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural (BECHARA, 2019; p. 170)”.

Napoleão Mendes de Almeida (2009), por seu turno, aconselha o uso do artigo definido diante de nomes próprios quando estes se referirem a pessoas íntimas. No caso de personalidades famosas, dispensa-se o seu emprego. Indo na mesma linha do renomado gramático, o Manual de Redação do jornal O Estado de São Paulo¹⁵ — usado para nortear escrita de seus colunistas — afirma o seguinte:

“Usa-se o artigo para indicar intimidade com a pessoa, determinação de um nome próprio e apelido ou qualificativo de pessoas: Andava sempre com o João. / Admirava o Napoleão conquistador. / Ali estava o Barbudo. / Descendia de Isabel, a Redentora. Exceção: Frederico Barba-Roxa (ESTADÃO, 2022)”.

¹⁵ <https://www.estadao.com.br/manualredacao/> Último acesso: 07 de dez. 2022.

Indo em parte na contramão de Bechara, Almeida e do Manual do Estadão, Maria Helena de Moura Neves (2000), em sua Gramática de usos do Português, aponta para possibilidade da colocação de artigo definido antes de antropônimo tanto quando este for uma pessoa conhecida quanto se for uma pessoa famosa — contanto que essa pessoa famosa seja popular; caso contrário, dispensa-se. Para isso, a linguista apresenta alguns exemplos. São eles:

- (1) A Neusa Sueli sabe como eu sou. (NC);
- (2) Resolvi dar uma olhada nas plantas dO Marcos. (T);
- (3) Eu vi uma vez O Glenn Ford fazer num filme e morri de inveja. (SC);
- (4) Se a Folha não enxergar isso rapidinho, vou começar a assinar o "Estadão". Pelo menos eles têm O Paulo Francis. (FSP);
- (5) Nosso povo é direcionado, faz o que O Roberto Marinho manda. (VEJ);
- (6) Ø Dante é um homem da Idade Média e Ø Petrarca é um homem do Renascimento. (ESP).

2.3 PESQUISAS VARIACIONISTAS SOBRE A REALIZAÇÃO DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMO

É sabido que o fato de haver regras que regem a realização de artigo definido diante de antropônimo não é garantia de que sua não realização aconteça em situações reais de fala. Estudos de cunho variacionista (cf. CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008) têm demonstrado que a realização do artigo definido antes de nomes de pessoas é influenciada tanto por variáveis sociais como linguísticas.

Retroagindo aos estudos de NEVES (2000), ela, ainda em sua proposição, aponta para o fato de costumes de ordem familiar, regional ou pessoal estarem ligados à anteposição do referido artigo a nome de pessoas. Indo na mesma direção e aprofundando a motivação descrita pela autora, Silva (1996), em seu estudo acerca da realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico, destaca que:

“(i) a familiaridade que o falante supõe que o ouvinte tenha acerca da entidade mencionada faz com que o falante se empenhe em definir melhor a entidade quando considera que o ouvinte não compartilha com ele desse conhecimento.

Nesses casos, há um aumento no uso de artigos. (ii) a familiaridade que o falante tem acerca dessa entidade faz com que ele aumente a realização do artigo. Os nomes próprios que se referem a entidades familiares têm mais artigos do que os menos familiares. (SILVA, 1996a. p. 139-140)”

A partir dos dados fornecidos por Silva, é possível verificar que a realização ou não do artigo definido antes de nome próprio está relacionada tanto a fatores de ordem discursiva — a familiaridade que o falante supõe que o ouvinte tenha acerca da entidade mencionada — quanto a fatores de semântica — o empenho em definir melhor a entidade quando considera que o ouvinte não compartilha com ele desse conhecimento.

À vista do que fora expresso, é possível verificar uma série de restrições — advindas, sobretudo, de gramáticas normativas — quanto ao uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa. Entretanto, o que se afere nas situações reais de fala é um não cumprimento de tais regulamentos. Estudos de cunho variacionista têm demonstrado que a realização ou a não realização desse artigo diante de antropônimo é influenciada por variáveis sociais e linguísticas. Tal fenômeno linguístico está relacionado, normalmente, à presença de preposição, função sintática, grau de familiaridade e região de origem (CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008).

Quanto às variáveis linguísticas analisadas pelos pesquisadores, as que têm apresentado maior correlação com a ocorrência do artigo são: antropônimo preposicionado em posição de objeto direto, objeto indireto e tópico; antropônimo em estrutura de genitivo. As que mais desfavorecem são: nomes completos; antropônimo como item de enumeração; antropônimo em posição de complemento nominal, predicativo e aposto.

Ao verificar os fatores de ordem social, percebeu-se que o grau de intimidade do falante com relação ao antropônimo mencionado — seja ele famoso ou não — favorece o uso do artigo antes dele. Por outro lado, em cidades de colonização mais antiga, a sua realização tende a ser desfavorecida; o que, segundo Callou e Silva (1997), indicaria um caso de conservadorismo linguístico — em que determinadas marcas linguísticas do português de Portugal são mantidas.

Em relação às variáveis sociais sexo/gênero e faixa etária, constatou-se que os homens e os mais jovens mostraram-se favorecedores da presença do artigo definido antes de nome próprio (ALVES, 2008).

Os grupos de fatores mencionados, profundamente estudados nas pesquisas que se ocuparam em analisar a realização ou não do artigo definido diante de nome próprio de pessoa

no português brasileiro, serão reproduzidos nos capítulos subsequentes, com o intento de se verificar se as hipóteses por eles descritas se confirmam também na fala de são-mateusenses e ludovicenses, e se os padrões dessa variante se aproximam aos observados em outros estudos.

CAPÍTULO 3

CORPUS E MÉTODOS DA PESQUISA

O presente capítulo tenciona mostrar a forma pela qual se deu a amostra de fala e a metodologia de análise dos dados do trabalho que aqui se desenvolve. No entanto, convém se fazer uma breve descrição das localidades onde se desenvolveu a pesquisa – no caso, a denominada as microrregiões do Médio Mearim, mais especificamente a cidade de São Mateus, e a Aglomeração Urbana de São Luís, mais especificamente o município de São Luís. No mais, a variável central deste estudo, na forma de variável dependente, assim como as variáveis linguísticas são melhor descritas. As variáveis sociais que estratificam socialmente a pesquisa também são apresentadas.

Para a realização deste estudo, foi feita uma análise qualitativa de dados, de modo que fossem observados em quais contextos se sucederam a realização ou a não realização do artigo definido antes de nomes próprios de pessoas a partir da amostra da fala de são-mateuneses e ludovicenses. Convém destacar que essa etapa é de suma importância, visto que, a partir daí, foi possível realizar a análise quantitativa desses mesmos dados, de modo que fossem obtidos os valores estatísticos das variáveis que se correlacionam aos fatores linguísticos e sociais analisados.

Dessa maneira, é mister salientar que qualquer pesquisa sociolinguística de caráter variacionista se fundamenta em uma etapa inicial de “coleta de dados”, seguida pela “redução e apresentação de dados”, e culmina, sem se limitar, na “interpretação e explicação de dados”. (GUY; ZILLES, 2007: 20). Portanto, as etapas que sustentam a condução de uma pesquisa sociolinguística são analisadas neste estudo da seguinte maneira:

- i) revisão bibliográfica sobre o tema;
- ii) construção da amostra de fala – gravação das entrevistas;
- iii) transcrição das entrevistas no Elan (cf. HELLWIG; GEERTS, 2019)¹⁶;
- iv) extração dos dados e codificação em planilha do Excel;
- v) análise dos dados no Goldvarb X.

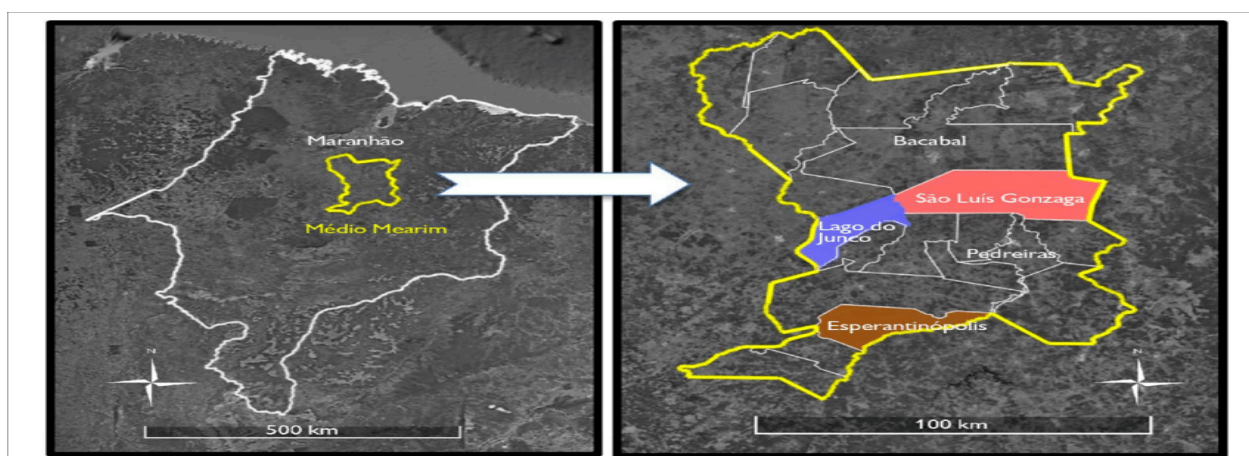
Um dos objetivos mais fundamentais desta pesquisa foi o de verificar quais variáveis linguísticas e sociais coocorrem para a realização ou a não realização do artigo definido antes de antropônimos na variedade do português falado em São Mateus e São Luís. Algumas

hipóteses já testadas em outros estudos, como a presença de preposição, função sintática, grau de familiaridade do falante com nome citado e região de origem (cf. (CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008)) foram testadas aqui. No mais, os tópicos seguintes buscarão tratar sobre algumas informações das cidades de São Mateus, da Região Mearim, e São Luís, da Aglomeração Urbana de São Luís — bem como os instrumentos utilizados, como a amostra, o roteiro de entrevista e a descrição das variáveis linguísticas e sociais.

3.1 A REGIÃO MÉDIO MEARIM

A Região de Planejamento do Médio Mearim é uma das 32 Regiões Administrativas do Estado do Maranhão, instituída pela Lei Complementar nº 108, de 21 de novembro de 2007. Essa lei considerou aspectos ambientais, produtividade, relações sociais, econômicas e culturais, além da rede viária para definir a regionalização. São Mateus é uma das maiores cidades desta região, que também inclui mais dezenove municípios: Bacabal, Bernardo do Mearim, Bom Lugar, Esperantinópolis, Igarapé Grande, Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, Lago Verde, Lima Campos, Olho d'Água das Cunhãs, Pedreiras, Pio XII, Poção de Pedras, Santo Antônio dos Lopes, São Luís Gonzaga do Maranhão, São Raimundo do Doca Bezerra, São Roberto, Satubinha e Trizidela do Vale. (cf. Figura 1).

Figura 1: Região de Planejamento Médio Mearim¹⁶



¹⁶ Fonte: Regiões de planejamento do Estado do Maranhão. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Medio-Mearim-e-principais-localidades-mencionadas-nas-narrativas-Mapa-R_fig1_346939583

São Mateus situa-se no centro-norte do Maranhão, a 190 quilômetros de São Luís, a capital e a outra cidade alvo da pesquisa. Segundo o IBGE¹⁷, esta cidade, uma das mais significativas do estado do ponto de vista social e, sobretudo, agropecuário, tem uma população estimada de 38.829 habitantes, o que a coloca entre as cidades mais populosas da microrregião do Médio Mearim.

Segundo Lopes (2011), A história de São Mateus do Maranhão teve início com a abertura de grandes lavouras por Absalão Cândido Feitosa e outros quatro desbravadores em 1942. A área era caracterizada por extensos campos e pastagens, favorecendo a criação de gado. Além da agricultura, os habitantes se sustentavam com a caça e a pesca. A construção da rodovia BR-135 trouxe um significativo aumento populacional, impulsionando o comércio e a instalação das primeiras indústrias. No dia 26 de dezembro de 1961, São Mateus do Maranhão foi oficialmente criada pela Lei Estadual nº 2.170, sendo desmembrada dos municípios de Coroatá e Bacabal.

3.2. REGIÃO DA AGLOMERAÇÃO URBANA DE SÃO LUÍS

A Região da Aglomeração Urbana de São Luís é outra das 32 Regiões Administrativas do Estado do Maranhão, sendo a mais populosa do estado com 1.037.775 habitantes segundo dados do IBGE de 2022. Ela, além da capital, comporta outros municípios, como Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. São Luís,

Figura 2¹⁸: Região da Aglomeração Urbana de São Luís



¹⁷ <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-mateus-do-maranhao.html>

¹⁸Disponível em:

https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-da-Ilha-de-Sao-Luis-Estado-do-Maranhao-Brasil-mostrando-a-divisao_fig1_372682545

Conforme informações do site oficial do IBGE¹⁹, São Luís surgiu em uma península que avança sobre o estuário dos rios Anil e Bacanga. A cidade foi fundada em 8 de setembro de 1612 pelos franceses Daniel de La Touche e François de Rasilly, com o objetivo de criar a França Equinocial, dentro do contexto da economia mercantilista. Seu nome homenageia Luís XIII, então Rei da França. Em 1615, apenas três anos após a fundação, São Luís foi conquistada e incorporada ao domínio português. No século XVII, a cidade também foi ocupada pelos holandeses, mas, assim como os franceses, foram expulsos pelos portugueses após três anos, em 1645. A partir daí, teve início a colonização definitiva pelos portugueses na região conhecida pelos tupinambás como Upaon Açu ou Ilha Grande, hoje Ilha de São Luís.

3.3 A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS DOIS MUNICÍPIOS E A INFLUÊNCIA LINGUÍSTICA

A localização geográfica dos municípios de São Mateus e São Luís pode revelar uma realidade linguística mais complexa do que parece, considerando que essa região recebe diariamente pessoas das cidades vizinhas, o que pode influenciar linguisticamente os seus habitantes. Além disso, a rodovia federal BR-135, que liga as duas cidades, perpassa o meio norte do Brasil (Maranhão) e termina em Belo Horizonte (Minas Gerais), proporcionando o contato de diferentes pessoas com são-mateuenses e ludovicenses. Segundo o DNIT²⁰, a BR-135 é a nona maior rodovia federal, com 2529 quilômetros de extensão.

Com base nisso, é possível inferir — ainda que não seja o cerne deste trabalho — que os viajantes, de um modo geral, podem desempenhar um papel importante na variação linguística de ambos os municípios, sobretudo São Mateus, posto que é considerada uma cidade “beira de estrada”. Assim sendo, mesmo com uma metodologia bem estruturada dentro da Teoria da Sociolinguística Variacionista apresentada neste estudo (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), ela poderia não validar a hipótese proposta, pois não inclui uma estratificação que capture a evidente complexidade das características sociais dos indivíduos que se deslocam pela cidade, algo que poderia ser evidenciado, por exemplo, pelo seu intercâmbio linguístico (cf. BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]; FOUQUET, 2013; OUSHIRO, 2016; SANTANA, 2018). Além disso, não é possível uma

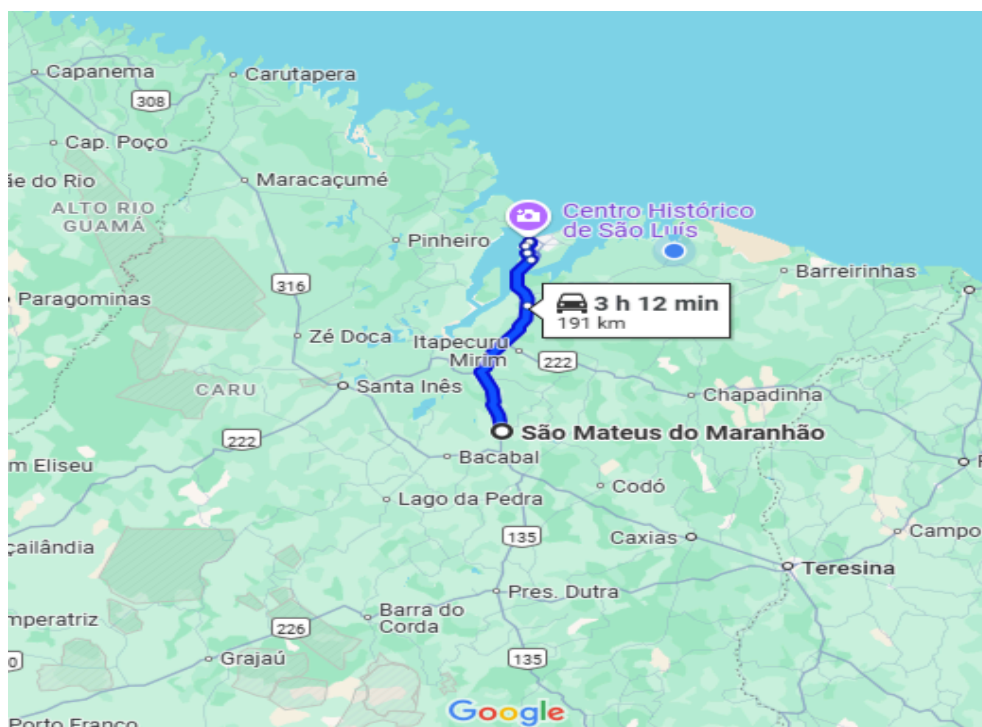
¹⁹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/historico>

²⁰

<https://www.viagensecaminhos.com/as-10-maiores-rodovias-do-brasil/#:~:text=BR%2D135&text=9%20%E2%80%9393%20A%20BR%2D135%20tem,Horizonte%2C%20Capital%20de%20Minas%20Gerais.>

análise mais detalhada do fenômeno descrito, visto que ele não inclui de maneira plena todos os níveis de escolaridade. Em outras palavras, a amostra de fala aqui analisada não possui um número suficiente de informantes para permitir generalizações mais robustas sobre a realidade linguística dos municípios. Todavia, convém salientar que a presente pesquisa é capaz de exibir padrões gerais de uso de uma das variáveis mais recorrentes do português brasileiro, visto que se ancora na fala popular da região.

Figura 3: Localização de São Mateus e São Luís no mapa do Maranhão²¹



3.4 A AMOSTRA DE FALA

Antes de prosseguir, é importante destacar que a configuração da amostra a ser exibida a seguir foi moldada pela limitação de tempo e condições para a execução deste estudo. Embora a quantidade de falantes não esteja de acordo com os números de estudos mais robustos da área, buscou-se estratificar a amostra analisada aqui, conforme o modelo utilizado por outras pesquisas que se ocupam do mesmo tema. Desse modo, foram gravadas e transcritas 8 entrevistas com informantes que nasceram em São Mateus e São Luís, ou que se

²¹ Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/S%C3%A3o+Mateus+do+Maranh%C3%A3o,+MA>

mudaram para as cidades com até 3 anos de idade. As entrevistas foram gravadas com o auxílio do aplicativo Gravador, disponibilizado para IOS.

A metodologia utilizada para a seleção de informantes pesquisa foi o semialeatório, de acordo com o modelo “amigo do amigo”, em que o contato com um informante é intermediado por uma terceira pessoa (cf. MILROY, 2004; MENDES; OUSHIRO, 2013; SANTOS, 2015). Este método facilita um contato mais exato com os informantes, assegurando ao mesmo tempo uma dose de aleatoriedade e diversidade na seleção da amostra. Os participantes foram categorizados por gênero, três grupos de idade (de 18 a 30 anos, de 31 a 49 anos e 50 anos ou mais) e nível educacional (ensino médio e superior), como mostrado na tabela a seguir.

Quadro 1: perfis sociolinguísticos da amostra da fala de são-mateuenses e ludovicenses

SEXO/GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO
MASCULINO	1 (18-30)	Médio Superior	1. M1M
	2 (31-49)	Médio Superior	2. M2M 3. M2S
		Médio Superior	4. M3S
FEMININO	1 (18-30)	Médio Superior	5. F1M
	2 (31-49)	Médio Superior	6. F2M 7. F2S
		Médio Superior	8. F3M

3.5 ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de entrevista aqui utilizado é dividido em dois momentos, tendo como base o Projeto SP2010²². A seleção do roteiro proposto pelo projeto se deu em razão do fundamento metodológico das pesquisas de Silva (2014), Oushiro (2015) e Santos (2015), que o utilizaram — e, também, pelo fato de sua elaboração seguir as orientações de Labov (2008 [1972]). Na primeira parte da entrevista, procura-se falar com o informante sobre temas mais amplos, sua infância, sua família, educação, ocupação, redes sociais e atividades de lazer.

Dessa maneira, a inclusão desses assuntos de cunho mais subjetivo ajuda, de certo modo, o desenvolvimento de uma conversa mais fluida, se aproximando de um certo grau de informalidade, o que leva a uma maior precisão de dados da pesquisa. Conforme propõe Labov (2008 [1972]: 245), as narrativas pessoais são as que mais rendem dados para a investigação sociolinguística, por isso, é essencial “envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos”.

Consequentemente, a segunda parte do roteiro abarca assuntos relacionados ao seu município, bem como avaliações sobre determinadas variantes linguísticas. Ao findar da entrevista, foi solicitado ao informante a leitura de uma lista de palavras, um texto jornalístico e um depoimento com características de oralidade. Esses textos e a lista de palavras contribui para obtenção da variação de “estilo de fala” (LABOV, 2008 [1972])²⁴.

3.6 Transcrição das entrevistas

Para realizar a transcrição das entrevistas, adotou-se o Elan (cf. HELLWIG; GEERTS, 2019), descrito por Oushiro (2014) como um software para anotação de áudio e vídeo. Este é bastante popular entre os estudiosos da linguagem, oferecendo benefícios como a sincronia entre o arquivo multimídia e a transcrição/anotação, ferramentas de busca avançada dentro de um corpus, várias opções de exportação para a transcrição e a vantagem adicional de ser disponibilizado gratuitamente.

²² MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. (2013) Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana. Disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

3.7 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS ANALISADAS

3.7.1 Variável dependente

A variável dependente, como se sabe, consiste no variável fenômeno linguístico a ser analisado em uma pesquisa de cunho sociolinguístico. No caso deste estudo, o uso de artigo definido antes de nome próprio é a variável. Ela possui duas variantes: a presença e a ausência do artigo antes do nome (A Maria, O João; Ø Maria, Ø João).

Nos exemplos abaixo, o entrevistador é representado pela sigla D1 e o informante é representado pela sigla S1. As siglas que acompanham o pseudônimo dos informantes representam o perfil sociolinguístico na seguinte ordem: Sexo/gênero – (M) Masculino e (F) Feminino; Faixa etária – (1) 18 a 30 anos, (2) 31 a 49 anos e (3) 50 anos ou mais; Escolaridade – (M) Ensino Médio e (S) Ensino Superior.

Diálogo 1²³: Informante são-mateuense

(1) D1: Quem mora tanto com você?

S1: Eu moro com minha mãe, meu pai... e meus irmãos

D1: Como se chamam?

S1: Ø Rosilene, Ø Amadeus, Ø Rafael e Ø Rai

D1: E onde estão seus irmãos?

S1: Acho que pra rua

D1: Pensei que estivessem aqui...

S1: Não... Ø Rafael está ali no quarto, lembrei agora

(RafaelaC.F1M)

Como visto, o extrato da entrevista demonstra que a mesma falante faz uso de duas variantes da variável aqui estudada, isto é, ela tanto antepõe o artigo antes do nome, como em “Ø Rafael está ali no quarto (linha 8)”, quanto não realiza o seu uso, como em Ø Rosilene, Ø Amadeus, Ø Rafael e Ø Rai (linha 4).

²³ Transcrito via software de transcrição

3.7.2 Variáveis independentes

Sabe-se que, para a realização de qualquer fenômeno, há sempre uma motivação, isto é: um fator determinante que operou para que ocorresse. O mesmo acontece com a língua, quando a realização ou não realização de um dado fenômeno linguístico variável depende de uma série de elementos condicionantes, aos quais dá-se o nome de variáveis independentes. Elas são subdivididas em linguísticas (internas à própria língua) ou sociais (externas à língua). Assim sendo, as variáveis independentes consideradas neste estudo foram:

I) Linguísticas: Função sintática (antropônimo preposicionado em posição de objeto direto, objeto indireto, tópico, complemento nominal, predicativo e aposto); Antropônimo em estrutura de genitivo (Com e sem genitivo); Tipo de antropônimo (apelido, hipocorístico, nome completo, pré-nome); Antropônimo como item de enumeração (item de enumeração, não item de enumeração) (CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008). Abaixo, exemplos de algumas dessas variáveis nas entrevistas com informantes são-mateuenses.

ANTROPÔNIMO PREPOSICIONADO EM POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO

- (2) “Eu vi **a** Elismar lá no comércio, ela tava com a Dona Maria”
(DeusleneN.F3M)

ANTROPÔNIMO PREPOSICIONADO EM POSIÇÃO DE OBJETO INDIRETO

- (3) “Mandeí mensagem **pro** Helcio, mas ele ainda não viu... Assim fica difícil, mermão” (JoacyM.M2S)

ANTROPÔNIMO PREPOSICIONADO EM POSIÇÃO DE TÓPICO

- (4) “Rapaz... **o** Eduardo tá sumido, não é? Nunca mais vi ele. Será se ele tá na casa tia dele?” (MárioS.M1M)

Foi analisado também o nome próprio em estrutura de genitivo (adjunto adnominal restritivo) para a qual se levanta a hipótese empírica de que enunciados que indicam

pertencimento de um elemento a uma dada entidade humana favoreçam mais a realização do artigo definido em um sentido geral. Assim, foram analisadas frases em que o falante indica a posse de uma coisa — no caso, uma casa — por alguém — no caso, Felipe.

ANTROPÔNIMO EM ESTRUTURA DE GENITIVO

- (5) *“A casa do Felipe é aquela bem dali... com lajota na parede”*
(FranciscaP.F2M)

Também foram analisados os antropônimos em função de nome completo, como item de enumeração, em posição de complemento nominal e como predicativo. Callou e Silva (1997) afirmam que, diferente da estrutura de genitivo, as variáveis mencionadas tendem a desfavorecer a presença do artigo definido antes de nome próprio. Todavia, como se vê abaixo, os informantes são-mateuneses contrariam a proposição das autoras, antepondo fortemente a referida classe gramatical a nomes próprios de pessoas — excetuando quando uma informante, ao enumerá-los, não realiza o artigo antes do segundo antropônimo, o que poderia indicar um distanciamento com o indivíduo mencionado. Sobre isso, Silva (1996) afirma que há uma clara ligação entre o uso do artigo e o quão bem o falante conhece a pessoa mencionada. Isto é: quanto maior a familiaridade, maior a tendência de usar o artigo, e vice-versa.

NOMES COMPLETOS

- (6) *“O Ivo Rezende vive vindo aqui na rua direto... Aí o povo aproveita e começa a pedir um monte de coisa”* (JoãoQ.M2M)

ANTROPÔNIMO COMO ITEM DE ENUMERAÇÃO

- (7) *“Ontem, lá no Mano’s, tava eu, a Fernanda, O Michele e o Gui. [...] ficamos lá até tarde, esperando o sereno passar”* (ClaraG.F2S)

ANTROPÔNIMO EM POSIÇÃO DE COMPLEMENTO NOMINAL

(8) “*Eu tenho certeza que o Rai deve tá na casa namorada dele*” (RafaelaC.F1M)

ANTROPÔNIMO COMO PREDICATIVO

(9) “*O dono daquele açougue é o Chico, da Jucy. Mas acho eu que ele não tá aí*”
(FernandoN.M3S)

Agora, exemplos dessas variáveis com informantes ludovicenses:

ANTROPÔNIMO PREPOSICIONADO EM POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO

(10) “*Encontrei Ø Pedro lá no Kart do Rio Anil*” (HugoR.M1M)

ANTROPÔNIMO PREPOSICIONADO EM POSIÇÃO DE OBJETO INDIRETO

(11) “*Almocei com Ø Bianca dia desses lá*” (DavidH.M2S)

ANTROPÔNIMO PREPOSICIONADO EM POSIÇÃO DE TÓPICO

(12) “*Ø Teonilson teve outra vida depois que mudou de casa*” (NildeF.F2S)

Como se vê, os informantes de São Luís, diferentemente dos de São Mateus, tenderam a não realizar o artigo antes de nomes próprios nas três primeiras variáveis apresentadas. Ao analisá-los em estrutura de genitivo, percebeu-se a mesma tendência de não realização do fenômeno. Todavia, um fato curioso: verificou-se um desvio dessa norma em uma dada entrevista. Nela, a falante expressa que foi a um show musical. Para tanto, fez uso do artigo definido *A*, junto à preposição *de*, para indicar a quem esse evento pertencia. Tal fato reforça a hipótese inicial de que nome próprio, quando figurado em estrutura de adjunto adnominal, seria fortemente marcado pelo uso do artigo — até mesmo em uma localidade cujos habitantes inclinam-se ao seu apagamento.

ANTROPÔNIMO EM ESTRUTURA DE GENITIVO

(13) “[...] eu tava lá, nesse show d**A** Anitta” (YasminL.F1.M)

Na fala dos ludovicenses, os antropônimos em função de nome completo, como item de enumeração, em posição de complemento nominal e como predicativo seguem o que os estudos a âmbito nacional (cf. Moisés, 1995; Silva, 1996; Callou, 2000; Leite e Callou, 2002; Campos Jr., 2011) sobre o fenômeno discutido apresentam, isto é: o desfavorecimento da colocação do artigo definido antes dessas variáveis. No entanto, como se verá abaixo, mais um caso de falante que contraria a proposição citada. Ao utilizar o nome como função sintática de predicativo, a falante acabou por antepor a partícula determinante ao substantivo. Sobre este, ele se apresenta como hipocorístico²⁴ (Amaral, 2011). Isso fica claro pelo grau diminutivo em que é apresentado, formado pela junção de um sufixo coloquial (**in**) ao nome original (**Nelson**). Convém por fim destacar que o uso do apelido indicaria uma alta intimidade que o falante tem acerca da entidade mencionada, levando-o a aumentar a realização do artigo (SILVA, 1996a. p. 139-140).

NOMES COMPLETOS

(14) “Meu pai é **O** Manoel de Candido e minha mãe, **O** Maria Flor Mendes”
(HertzM.M3S)

ANTROPÔNIMO COMO ITEM DE ENUMERAÇÃO

(15) “Tava eu, **O** Luís e **O** Alex antes de ontem aqui em casa quando aconteceu” (DavidH.M2S)

ANTROPÔNIMO EM POSIÇÃO DE COMPLEMENTO NOMINAL

(16) “Os conselhos de **O** Carla são muito bons, tu é doido?” (BeatrizN.F2M)

ANTROPÔNIMO COMO PREDICATIVO

²⁴ Palavra que expressa carinho e intimidade, sendo utilizada para designar pessoas ou animais de estimação.

(17) “*Meu filho mais velho é O Nelsin [...] faz 47 em abril*” (SocorroJ.F3M)

ANTROPÔNIMO COMO APOSTO

(18) “*Foi minha esposa, O Sandra, que fez*” (SauloL.M2M)

II) Sociais: gênero (feminino e masculino); idade (18-30, 31-50, 50+); escolaridade (Ensino fundamental, médio e superior); localidade (São Mateus e São Luís); tempo de colonização/fundação das cidades e grau de familiaridade do falante com a entidade mencionada (mais próxima ou distante)

Falando primeiramente da variável sexo/gênero, ela possibilita verificar se há diferenças na realização do artigo definido antes de nomes próprios entre homens e mulheres, posto que alguns estudos têm afirmado que as elas tendem a utilizar uma variedade linguística mais próxima do que ordena a regra culta (Costa, 1996). Assim sendo, tal fato leva a crer, a priori, que as mulheres tendem a antepor de maneira menos regular o artigo antes de antropônimo em comparação aos homens, visto que sua colocação antes de substantivos próprios é vista como redundante pela gramática tradicional²⁵ (Bechara, 2019).

Outra variável a se observar é a faixa etária. Para Labov (2008 [1972]), ela é de suma importância para os estudos sociolinguísticos, de modo a verificar se o fenômeno linguístico em questão encontra-se em variação estável ou se há algum sinal de mudança. Baseado na hipótese de que a aquisição da linguagem é concluída por volta dos quinze anos, o conceito de tempo aparente — criado por Labov — sugere que “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade” (NARO, 1992: 82 apud SANTOS; PIMPÃO, 2018: 261). Através da análise dessa variável, pode-se notar distinções mais marcantes entre os falantes, dado que se espera dos falantes de mais idade — tal qual as mulheres — uma adoção de uma linguagem mais próxima do regem os manuais de gramática; realizando, pois, o artigo com menor frequência.

A terceira variável social analisada é a escolaridade. Através dela, pode-se inferir se o falante, a depender de seu grau de estudo, tende a realizar ou não o artigo antes de nomes

²⁵ Muito embora, até onde se conhece, o uso do artigo definido diante de nome próprio não constitui uma variante estigmatizada no português brasileiro.

próprios. Estudos como o de Silva (1996) dão conta que o uso do artigo estava intrinsecamente relacionado à escolarização do falante:

“Na parte referente a artigo diante de possessivos, viu-se que o cruzamento das variáveis escolarização e sexo não se mostrou significativo. Mas o emprego do artigo diante de patronímicos mostrou diferenças no cruzamento das variáveis sexo e escolarização, já que as mulheres empregam o artigo de modo ligeiramente mais regular à medida que se escolarizam (Silva, 1996b, p. 276)”.

A quarta variável analisada é a localidade. Por intermédio dela, é possível verificar se a hipótese²⁶ inicial, constatada pela comunicação diária, se confirma. Isto é: a de que os falantes são-mateuneses tendem a uma maior anteposição do artigo a antropônimos quando comparados a ludovicenses. A partir da análise dessa variável, ergue-se outra: a do tempo de colonização e fundação das cidades. Tomando-a como referência, pesquisas a âmbito nacional revelam que o artigo é menos frequente em regiões de colonização mais antiga (Callou; Silva, 1997). Dessa maneira, depreende-se que esse seja um dos fatores que levam os falantes de São Luís, fundada em 1612²⁷, a realizarem menos o artigo ao serem confrontados com os de São Mateus, fundada em 1963, 349 anos depois.

Por fim, a última e sexta variável social examinada é o grau de familiaridade do falante com a entidade mencionada. Apoiando-se nela, torna-se possível identificar se se confirma a hipótese de que os falantes se inclinam a uma maior utilização do artigo quando citam uma entidade com a qual tem um certo grau de proximidade. Assim sendo, Silva (1996) argumenta que nomes próprios que se referem a pessoas íntimas, tratadas por nome de batismo ou apelido, aparecem com muito mais frequência com artigo do que os nomes menos familiares. De acordo com a autora, “a necessidade de definição de entidade não conhecida pelo ouvinte correlaciona-se com um aumento do emprego de artigo” (SILVA, 1996a. p. 139).

3.7.3 Ainda sobre os grupos de fatores

Assim sendo, os grupos de fatores aqui descritos, que são objetos de numerosos estudos sobre o fenômeno linguístico em questão, foram reproduzidos neste estudo para testar se tais hipóteses também valem para a variedade do português falado nos municípios de São Mateus e São Luís. As variáveis, sejam elas linguísticas ou sociais, são essenciais para o

²⁶ As razões para a pressuposição dessas hipóteses advêm, em grande medida, do fato de alguns desses fatores já terem se mostrado relevantes em outros trabalhos.

²⁷ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_\(Maranh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_(Maranh%C3%A3o))

desenvolvimento de uma investigação sociolinguística, sobretudo a social, que nos ajuda a entender de que maneira as pressões externas influenciam a variação e a evolução de uma determinada língua. Indo ao encontro disso, Labov (2008 [1972]) destaca que não se pode compreender plenamente o processo de mudança linguística sem levar em conta a vida social dos falantes dentro de uma comunidade específica. Como consequência, uma pesquisa de cunho variacionista não negligenciar os grupos de fatores sociais que agem a todo instante sobre a língua.

Tabela 1: Variáveis²⁸ sociais

Variáveis Sociais	Tipos	Variantes
	Sexo/Gênero	Masculino/Feminino
	Faixa etária	1 (18-30 anos) 2 (31-49 anos) 3 (50+ anos)
	Escolaridade	Ensino Médio/ Superior
	Localidade	São Mateus/São Luís
	Tempo de colonização	Antiga/Nova
	Grau de familiaridade	Próximo/Distante

Tabela 2: Variáveis Linguísticas

	Tipos	Variantes
	Função Sintática	Antropônimo preposicionado em posição de objeto direto/Objeto indireto/Tópico/Complement o nominal
	Estrutura de Genitivo	Com genitivo/Sem genitivo

²⁸ Variáveis e variantes escolhidas através da análise de outros estudos sobre a mesma temática.

Variáveis Linguísticas	Tipo de antropônimo	Apelido/ Hipocorístico/Nome completo/Pré-nome
	Antropônimo como item de enumeração	Item de enumeração/Não item de enumeração

3.8 O PROGRAMA GOLDVARB²⁹ X

De modo a verificar quais variáveis sociais e linguísticas se correlacionam à realização e à não realização do artigo definido antes de antropônimo na variedade falada do português em São Mateus e São Luís, foram necessárias algumas análises estatísticas. Para tal, usou-se o programa GoldVarb X. Desenvolvido por desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005)³⁰, o programa, segundo Berlinck³¹ (2018), é um dos principais instrumentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Com ele, “é possível processar um grande volume de dados linguísticos, com o objetivo de definir uma regra variável que ajude a explicar determinado fenômeno sociolinguístico” (Berlinck, 2018).

Criado para a plataforma Windows, o programa em questão é um conjunto de outros softwares computacionais, que inclui CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB e MVARB. Antes de iniciar a utilização do primeiro programa, é necessário digitar, codificar e armazenar os dados em um arquivo de texto. Feito isso, o processo começa com o CHECKTOK, que identifica erros de digitação ou codificação no arquivo. Posteriormente, o READTOK modifica os dados corrigidos e cria um novo documento apenas com as codificações. Posteriormente, MAKECELL registra as ocorrências e determina a frequência percentual de cada fator, evidenciando a conexão entre as variantes analisadas e os conjuntos de fatores controlados. Assim sendo, à vista do que foi exposto, é possível dizer que o GoldVarb X permite ao pesquisador uma considerável otimização de tempo e precisão na análise dos dados; sendo, tal qual outros softwares utilizados por outros, imprescindível para consolidação de uma pesquisa sociolinguística.

²⁹ Programa escolhido em parcela considerável dos estudos sobre a temática em questão.

³⁰ Ver: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>

³¹ Artigo disponível em: file:///C:/Users/thoma/Downloads/miltonbortoleto,+2047-6804-1-RV.pdf

3.9 UMA BREVE RECAPITULAÇÃO

Fazendo uma síntese do que foi exposto até o momento, o primeiro capítulo — de título “A Sociolinguística Variacionista” — apresentou algumas discussões sobre os estudos sociolinguísticos da linha laboviana. O segundo capítulo, por seu turno, trouxe uma reflexão sobre a análise da colocação variável de artigo definido antes de nome próprio de pessoa por gramáticas normativas e descritivas, bem como um conjunto de estudos variacionistas sobre o tema. Por fim, no capítulo que se encerra, expõe-se a metodologia utilizada para realização do trabalho. Foram apresentadas, também, algumas informações sobre as cidades de São Mateus e São Luís — locus da pesquisa. Além disso, falou-se dos instrumentos utilizados, como o roteiro de entrevista e as variáveis linguísticas e sociais consideradas para este estudo. No capítulo seguinte, o último desta discussão, serão divulgados os resultados estatísticos obtidos por meio das análises das variáveis linguísticas e sociais no programa GoldVarb X — além de verificar quais hipóteses serão ou não confirmadas com as análises. Por fim, apresentam-se algumas generalizações sobre o fenômeno em questão.

CAPÍTULO 4

ANÁLISES QUANTITATIVAS

No capítulo que se sucedeu, expôs-se as análises qualitativas dos dados coletados e os fatores (variáveis) internos e externos que em teoria se correlacionam ao fenômeno estudado — no caso, o uso do artigo definido antes de nome próprio de pessoa. Dessa maneira, no presente capítulo, apresentar-se-á a distribuição geral dos dados, a partir das entrevistas com os falantes são-mateuenses e ludovicenses, além dos resultados das análises quantitativas da anteposição de artigo nos enunciados, realizadas no programa estatístico Goldvarb x. Os enunciados foram analisados sob duas perspectivas: a da presença e da ausência do referido elemento definidor antes de antropônimos.

Das 16 entrevistas, foram extraídas frases em que há menção de alguma entidade humana. Dessa maneira, foram excluídos de cara dados em que nomes de pessoas não são mencionados. Além disso, a simples presença de um nome não serve como dado válido para este estudo. Abaixo, os casos em que foram desconsiderados:

- a) Uso não referencial antropônimo: quando é utilizado sem se referir diretamente a uma pessoa exata;
- b) Função vocativa do nome próprio: O nome é usado para chamar ou atrair a atenção de alguém, como em “**João**, venha cá!”;
- c) Uso metonímico do nome próprio: quando o nome próprio representa algo associado a ele (Gosto de ler **Machado de Assis**);
- d) Nome próprio precedido de demonstrativos: “aquele **João** lá do comércio”.
- e) Antropônimo usado como topônimo: quando assume o propósito de nomear um lugar, como “São Luís”, que vem do rei francês Luís XIII, e São Mateus, que vem do apóstolo Mateus³².

Estabelecer esses critérios para a exclusão de dados é crucial para a precisão das análises, já que remove casos onde o uso ou a omissão do artigo é absoluto (0% ou 100%). Veja a seguir os resultados das análises realizadas.

³² Muito se discute o que de fato originou o nome da cidade. Embora a versão oficial afirme que seja uma homenagem ao apóstolo Mateus, alguns populares afirmam que São Mateus é uma homenagem a João Mateus, um dos primeiros moradores da região.

4.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS

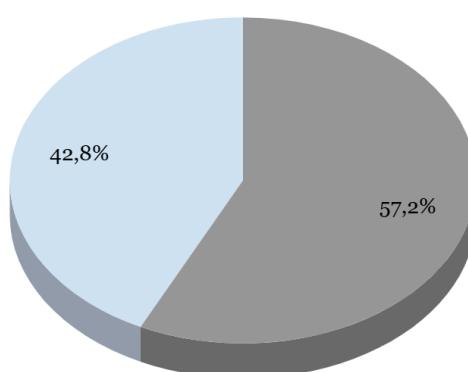
Na pesquisa, foram identificadas 152 ocorrências de nomes próprios de pessoas. Dentre elas, verificou-se 87 realizações de artigo e 65 não realizações do referido elemento. Logo de cara, pode-se observar que não houve significativa predominância de uma das duas variantes dependentes³³ no contexto geral, em que se juntou os dados dos dois municípios. Entretanto, quando vistos de maneira separada, nota-se uma notável diferença no que tange ao uso variável do artigo antes de antropônimo entre são-mateuenses e ludovicenses. Dessa maneira, pode-se dizer que São Mateus se caracteriza pelo uso significativo do artigo definido diante de nome próprio, enquanto São Luís pelo seu não uso — fato que reforça a hipótese inicial deste trabalho. Veja a tabela seguinte.

Tabela 3: Presença/ausência de artigo definido diante de nome próprio

Variantes Dependentes	Entrevistas
Presença de artigo	87 realizações de artigo definido
Ausência de artigo	65 não realizações de artigo definido
TOTAL	152 ocorrências de nomes próprios de pessoas

A tabela 3 traz a quantidade de ocorrências de nome próprio nas 16 entrevistas realizadas. O gráfico a seguir mostra a frequência bruta do uso/não uso do artigo definido com nome próprio no contexto geral, em que se une os dados dos dois municípios.

Gráfico 1: Presença/ausência de artigo definido diante de nome próprio em São Mateus e São Luís



³³ Variante 1: p

A hipótese inicial desta pesquisa era a de que o artigo definido diante de antropônimo teria uma alta frequência de uso na fala dos informantes são-mateuenses ao passo que uma baixa na dos ludovicenses. Tal pressuposto se impôs através da intuição do pesquisador como usuários da língua e como observador dos fenômenos inerentes a ela. A hipótese se confirmou quando se observou a distribuição geral dos dados de maneira separada, considerando cada cidade de maneira individualizada, como será mostrado mais adiante.

4.2 ATUAÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Para a análise dos fatores linguísticos condicionantes para a realização variável de artigo definido antes de nome próprio de pessoa, foram considerados quatro relevantes, com base em outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno. São eles: função sintática do antropônimo; antropônimo em estrutura de genitivo; tipo de antropônimo e antropônimo como item de enumeração. Apresentar-se-á, a seguir, o resultado de cada um deles.

4.2.1 Função sintática do antropônimo

Em seu estudo, Callou e Silva (1997) constataram que a posição que o antropônimo assume em uma dada estrutura sintática exerce influência direta na anteposição variável do artigo diante de si. Na presente análise, a função sintática do nome próprio também foi estatisticamente relevante. Para tanto, selecionou-se 4 variáveis³⁴ mais relevantes: antropônimo preposicionado em posição de objeto direto, objeto indireto, tópico e complemento nominal. As funções de complemento nominal e tópico são as que mais desfavorecer a anteposição do artigo. Já as de objeto direto e, sobretudo, indireto são os fatores que mais contribuíram para a sua realização. Abaixo, a tabela com a frequência dessa linguística:

³⁴ 1 As quatro variáveis foram selecionadas para a pesquisa tanto por sua relevância em estudos sociolinguísticos anteriores quanto pela escassez ou ausência de dados, extraídos das falas dos informantes, envolvendo outras variáveis de função sintática no uso do artigo antes de nomes próprios de pessoa.

Tabela 4: Artigo definido diante de antropônimo segundo a função sintática

Função sintática	Ocorrências	%
Objeto direto	15/28	53%
Objeto indireto	4/6	66%
Tópico	3/7	42%
Complemento nominal	1/2	50%
TOTAL	23/43	100%

4.2.3 Antropônimo em estrutura de genitivo

Partindo de pressupostos teóricos (cf. CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008) e da intuição advinda do uso e da observação da língua e dos fenômenos inerentes a ela, a hipótese inicial para esse grupo de fatores era a de que o antropônimo, estando em estrutura de genitivo, seria substancialmente marcado pelo uso do artigo. Assim sendo, o que se observou foi uma clara diferença quanto ao uso do artigo nesse ambiente sintático entre São Mateus e São Luís. Das 21 ocorrências de nome próprio em estrutura genitiva, em 13 houve a presença do artigo, enquanto em 8 a ausência dele. A tabela abaixo traz a frequência para essa variável independente considerando as duas cidades juntas:

Tabela 5: Artigo diante de antropônimo em estrutura de genitivo

	Ocorrência	%
Presença de artigo	13/21	62%
Ausência de artigo	2/8	38%

Agora, segregando e analisando os dados das duas cidades, fica evidente o porquê da diferença apresentada acima. Das 21 realizações totais, 12 vieram de informantes são-mateuenses ao passo que 9 de informantes ludovicenses. Os primeiros, em sua totalidade, realizaram o artigo diante de nome próprio em estrutura genitiva. Os segundos, por sua vez, realizaram apenas uma vez. A seguir, a frequência para essa variável considerando as duas cidades de maneira separada:

Tabela 6: Artigo diante de antropônimo em estrutura de genitivo entre são mateuenses e ludovicenses

Falantes	Ocorrência de artigo	%
São-mateuenses	12/12	100%
Ludovicenses	1/9	11%

4.2.4 Tipo de antropônimo

Inicialmente, estudos anteriores — e já mencionados aqui —, levantaram a hipótese de que o tipo de antropônimo proferido pelos falantes poderia influenciar a realização variável do artigo definido. Isso se deve ao fato de que, a depender de sua categoria, poderia haver diferentes níveis de precisão do referente e variações significativas no grau de proximidade entre o falante e a entidade mencionada. Assim sendo, deduz-se que apelidos sejam mais utilizados por falantes próximos da pessoa mencionada — o que favoreceria a anteposição do artigo —, ao passo que nomes completos sejam utilizados por indivíduos mais distantes do ente declarado, o que desfavoreceria a sua anteposição.

De modo a reforçar isso, Silva (1996a) aponta que os nomes próprios relacionados a entidades familiares, referidos por nomes de batismo ou apelidos, tendem a apresentar maior uso de artigo em comparação com os menos familiares. De acordo com a autora, “a necessidade de definição de entidade não conhecida pelo ouvinte correlaciona-se com um aumento do emprego de artigo” (SILVA, 1996a. p. 139). A Tabela 7 traz a frequência de uso e o peso relativo do referido grupo de fatores.

Tabela 7: Artigo definido diante de antropônimo segundo a variável tipo de antropônimo

Tipo de antropônimo	Ocorrências	%
Hipocorístico	4/5	80%
Apelido/Alcunha	8/11	72,7%
Prenome	72/128	56,25%
Nome completo	3/8	37,5%
TOTAL	152	

Como se pode verificar, o Apelido/alcunha e Hipocorístico são os fatores com maior ocorrência de artigo definido, 80% e 72,7%, respectivamente. Como fator desfavorecedor, merece destaque o Nome completo, que apresentou o menor percentual (37,5%). Como já discutido em parágrafos anteriores, nomes próprios completos, por terem alto grau de definitude, tendem a atrapalhar a anteposição do artigo definido.

4.2.5 Antropônimo como item de enumeração

Outra variável independente considerada foi a de antropônimo como item de enumeração. Ela, de acordo com estudos já mencionados neste trabalho, é estatisticamente relevante para a realização variável do artigo definido com nome próprio. Lima e Moraes (2019) apontam que, quando o antropônimo ocorre como A Tabela 8 abaixo mostra a frequência de uso do artigo para a referida variável.

Tabela 8: Artigo definido diante de antropônimo segundo a variável antropônimo como item de enumeração

Variável	Ocorrências	%
Antropônimo como não item de enumeração	11/23	47,8%
Antropônimo como item de enumeração	76/129	59%
TOTAL	152	

Verifica-se que a realização do artigo é maior à sua não realização na variável antropônimo como não item de enumeração (59%).

4.3 ATUAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Para a análise da atuação dos fatores sociais, foram selecionadas as variáveis sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, localidade, tempo de colonização/fundação das cidades e grau de familiaridade do falante com a entidade mencionada. Tais variáveis, convém reforçar, foram escolhidas em razão de diferentes pesquisas do ramo sobre o mesmo fenômeno aqui analisado.

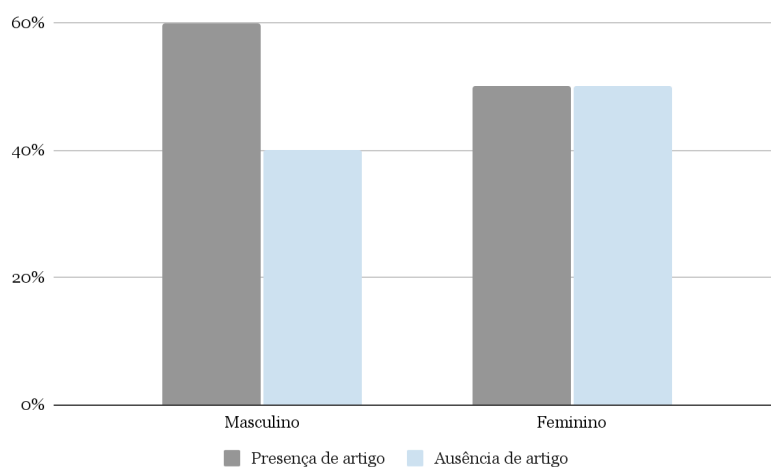
De início, pode-se dizer que as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade não se mostraram tão relevantes, haja vista os resultados, em razão da limitada quantidade de participantes, muito parecidos. De maneira contrária, o grupo de fatores geográficos (São Mateus e São Luís) apresentou resultados totalmente destoantes entre as cidades, o que confirma a hipótese inicial desta pesquisa de que o artigo definido diante de antropônimo teria uma alta frequência de uso na fala dos informantes são-mateuenses ao passo que uma baixa na dos ludovicenses. No que tange à variável tempo de colonização/fundação das cidades, os resultados obtidos foram ao encontro da hipótese levantada por Callou e Silva (1997). Segundo elas, a anteposição de artigo a nomes próprios se dá de maneira mais frequente em regiões de colonização mais antiga. Dessa forma, os falantes de São Luís, cidade fundada no início do século XVII, tendem a realizar menos o artigo ao comparados com os de São

Mateus, fundada na segunda metade do século XX, 349 anos depois. Por fim, outra variável que se mostrou interessante foi o grau de familiaridade do falante com a entidade mencionada. Pôde-se verificar, nos poucos casos de artigo na fala de ludovicenses, que ele se deu em contextos nos quais a pessoa mencionada era próxima, fato que indicaria uma conotação familiar, de intimidade.

4.3.1 Sexo/gênero, faixa etária e escolaridade

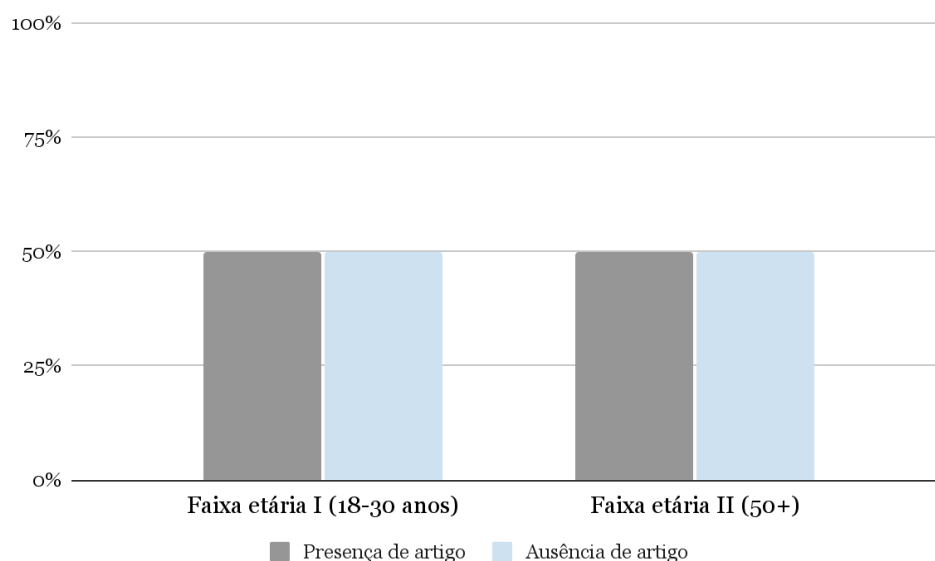
Ao observar os dados referentes às variáveis sociais sexo, gênero, faixa etária e escolaridade, verificou-se que, nas três, não houve diferença significativa no que se refere à realização variável do artigo diante de antropônimo. A seguir, nos gráficos, os resultados para esses grupos de fatores.

Gráfico 3: Artigo definido diante de antropônimo na variável sexo/gênero



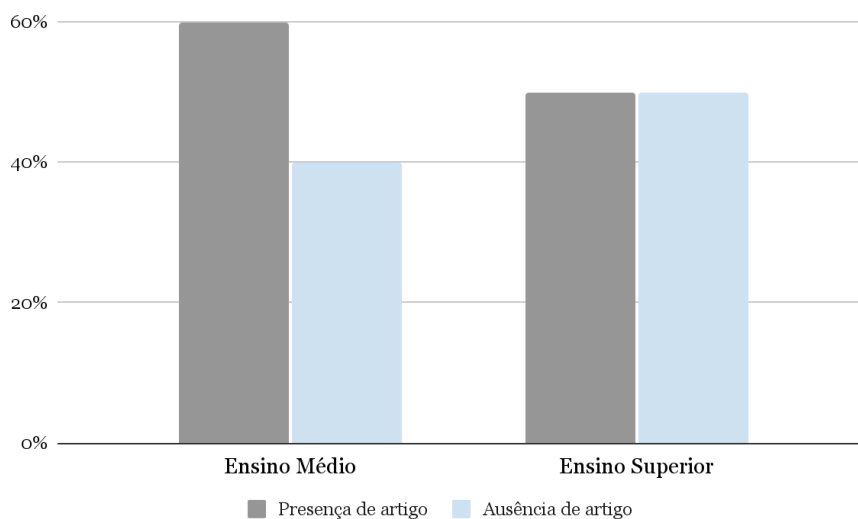
A frequência de ocorrência é semelhante entre homens e mulheres, com uma pequena vantagem de favorecimento do uso do artigo pelos homens (60% a 50%).

Gráfico 4: Artigo definido diante de antropônimo na variável faixa etária



Com base nas informações fornecidas pelo gráfico, é possível verificar que a realização do artigo tanto por jovens quanto por indivíduos mais velhos se deu de maneira estritamente igual, não tendo, pois, vantagem para nenhum dos dois segmentos. Nesse sentido, responde-se a um dos questionamentos levantados no capítulo introdutório deste trabalho: o de que a variação em estudo se dá de modo estável ou se há indício de mudança em curso, impulsionada especialmente pelos mais jovens. Assim sendo, pode-se afirmar que ela ocorre de maneira estável, sem indício de mudança.

Gráfico 4: Artigo definido diante de antropônimo na variável escolaridade



No que se refere à variável escolaridade, verificou-se que a frequência de realização do artigo entre informantes menos e mais escolarizados se deu de modo muito parecido, com uma pequena vantagem para primeiro segmento (60% a 50%). Embora se pudesse supor que falantes mais escolarizados, por terem um contato maior com a norma culta — que considera redundante o artigo antes de nomes próprios, já que estes possuem uma alta carga de definitude (BECHARA, 2019; p.170) — apresentariam uma menor frequência em seu uso, o gráfico indica que o nível educacional dos falantes exerce pouca influência na utilização de artigo antes de nomes próprios.

4.3.2 Grau de familiaridade

A variável grau de familiaridade do falante com a entidade mencionada é um dos principais fatores dependentes para a anteposição de artigo a antropônimos (cf. CALLOU & SILVA, 1997; MOLLICA, 2003; AMARAL, 2003; ALVES, 2008; LIMA 2019). Tanto manuais de gramática quanto pesquisas sociolinguísticas sobre o mesmo assunto apontam para o fato de que a intimidade que o informante com nome citado é elemento justificante para a realização do artigo. Indo ao encontro de tal proposição, os dados da presente pesquisa demonstram que o uso do artigo é mais comum quando a pessoa pertence ao mesmo meio social do falante, em comparação com outros casos. Veja-se a tabela a seguir:

Tabela 9: Artigo definido diante de antropônimo na variável grau de intimidade do falante

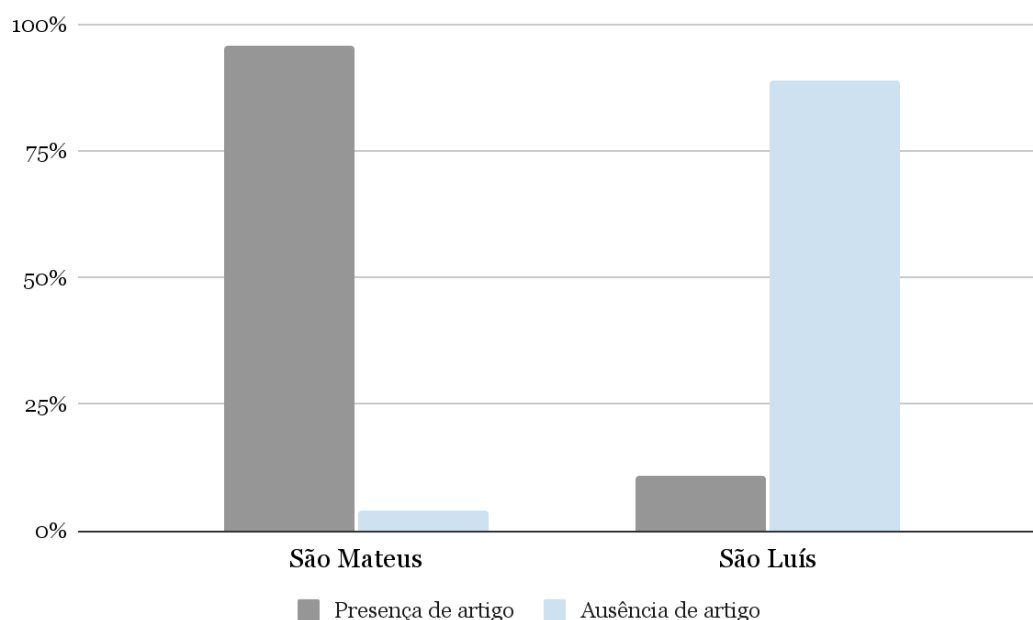
Variável	Ocorrências	%
Pessoa do meio social	80/136	58,8
Pessoa famosa	4/10	40%
Pessoa pública da região	3/6	50%
TOTAL	152	

Como pode se verificar, a variável Pessoa do meio social do falante se mostrou mais favorecedora para a realização do artigo (58,8%), ao passo que a variável Pessoa famosa nacionalmente se mostrou menos favorável (40%).

4.3.3 Uso do artigo em São Mateus e São Luís

A variável localidade, em que se observa a realização variável de artigo entre falantes de São Mateus e São Luís, mostrou-se bastante relevante neste trabalho, revelando resultados totalmente opostos entre os dois municípios. Por intermédio deles, pôde-se confirmar a hipótese inicial — constatada pela comunicação diária — de que os falantes são-mateuneses tendem a uma maior anteposição do artigo a antropônimos quando comparados a ludovicenses. O gráfico a seguir apresenta a frequência de uso do artigo definido em São Mateus e São Luís.

Gráfico 5: Artigo definido diante de antropônimo em São Mateus e São Luís



Como se vê, o gráfico evidencia a predominância do uso do artigo definido diante de antropônimo em São Mateus ao passo que uma considerável ausência em São Luís. Para além dos números, o gráfico confirma que a realização ou não do artigo se caracteriza

como um traço distintivo entre as variedades do português falado em ambas as regiões. Abaixo, a tabela detalhada com os números brutos dos dados coletados.

Tabela 10: Artigo definido diante de antropônimo na variável localidade

Cidades	Ocorrências	Presença de artigo (%)	Ausência de artigo (%)
São Mateus	80/83	96,4%	3,6%
São Luís	7/69	10,1%	89,9%
TOTAL	152		

Fazendo um paralelo entre os dados obtidos neste trabalho com os fornecidos por Leite e Callou (2002) e por Lima e Moraes, em que se observou a realização variável do artigo nas cidades de Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e nas capitais do norte do país, é possível dizer que os falantes de São Mateus estão mais alinhados com paulistanos, porto-alegrenses e nortistas — que, nas pesquisas, foram os que mais realizam o artigo — ao passo que os falantes de São Luís estão mais alinhados com soteropolitanos e recifenses — que foram os que menos realizaram. Em outras palavras, pode-se afirmar que, no que tange ao uso do artigo definido diante de nome próprio, os falantes são-mateuenses se aproximam mais da variedade do português falada nas regiões Norte, Sul e Sudeste à medida que se afasta variedade falada no Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como ponto central a discussão e análise da realização variável de artigo definido diante de antropônimo na fala de 16 informantes são-mateuenses e ludovicenses. Os objetivos aqui se resumiram em analisar a realização de artigos definidos diante de nomes próprios de pessoas nas cidades de São Mateus e São Luís. Especificamente, buscar verificar quais fatores estruturais e extralinguísticos se correlacionam a quais variantes linguísticas, de modo a descrever o encaixamento sociolinguístico da variável nas duas cidades em questão. Com base nesse último aspecto, pretende-se observar se o fenômeno em tela encontra-se em variação estável ou se há indício de mudança em curso. De maneira a

alcançar tais objetivos, as variáveis foram analisadas de forma qualitativa e quantitativa com o auxílio do software Goldvarb X.

Confirmando a hipótese inicial, baseada a intuição do pesquisador como usuário da língua e observador dos fenômenos inerentes a ela, os resultados obtidos mostraram que os falantes de São Mateus tendem a uma ampla anteposição de artigo a nomes de pessoas (96,4%) ao passo que os falantes de São Luís uma menor realização (10,1%). Dentre as variáveis linguísticas e sociais selecionadas, com base em estudos sobre o mesmo fenômeno, analisou-se a função sintática do antropônimo, antropônimo em estrutura de genitivo, tipo de antropônimo e antropônimo como item de enumeração (dependentes); sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, localidade, tempo de colonização/fundação das cidades e grau de familiaridade do falante com a entidade mencionada (independentes).

Nesse sentido, as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade não se mostraram tão relevantes, haja vista os resultados, em razão da limitada quantidade de participantes, muito parecidos. De maneira contrária, o grupo de fatores geográficos (São Mateus e São Luís) apresentou resultados totalmente destoantes entre as cidades, o que confirma a hipótese inicial desta pesquisa de que o artigo definido diante de antropônimo teria uma alta frequência de uso na fala dos informantes são-mateuenses ao passo que uma baixa na dos ludovicenses.

Assim sendo, com a análise de dados coletados nessas duas localidades, espera-se ter contribuído para o estabelecimento dos padrões de realização de artigo definido diante de nome próprio de pessoa no português brasileiro, bem como para uma caracterização mais detalhada do português falado no Maranhão. Em outros termos, acredita-se que esta pesquisa foi capaz de apresentar, apesar do número limitado de participantes, os padrões de uso de uma das variáveis que mais vem ganhando destaque dentro da sociolinguística. De resto, espera-se que estudos vindouros do mesmo ramo tenham como objetivo central comparar as variedades linguísticas existentes dentro da própria variedade maranhense do português, que, até então, encontram-se escassos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E. T. R. **Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro**. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 1, n. 55, p. 63-82, 2011.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALVES, Ana Paula Mendes. **Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na fala dos jovens de Barra Longa-MG que residem em Belo Horizonte, 2008**. (Dissertação de Mestrado em Estudo Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ALVES, G. **O uso do artigo definido em contextos específicos**. In: HORA, D. da (org.). Diversidade Linguística no Brasil. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 11-27.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BASSETTO, Bruno F. **Elementos de filologia românica**. SP: Edusp, 2010

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAGA, M. L. et al. **Artigo definido**. In: ILARI, R. (org.). Gramática do Português Culto Falado no Brasil: palavras de classes fechadas. São Paulo: Contexto, 2015. p. 105-128.

CALLOU, D. **A variação no português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimo**. Faculdade de Letras da UFRJ, Série Conferência, v. 9. Rio de Janeiro, 2000.

CALLOU, D; SILVA, G. M. O. **O uso do artigo definido em contextos específicos**. In: HORA, D. da (org.). Diversidade Linguística no Brasil. João Pessoa: Ideia, 1997.

CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, A. F. de; MORAES, R. N. **Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil**. Revista MOARA. n. 54, v.1, p. 69-93, ago-dez de 2019.

LOPES, Domingos. **São Mateus do Maranhão: Terra de Sol radiante e de imensos palmeirais**. 1. ed. Bacabal - MA: Gráfica Dimensão, 2011. v. 01.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2.ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1993.

MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**, São Paulo, Contexto, 2003

MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V. **O uso do artigo definido antes do nome próprio em português: uma análise semântica.** Estudos Linguísticos, São Paulo, v. XVII, p. 530-540, 1989.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo.** 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 2015.

SILVA, G. M. O. **Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico.** In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil.** In: RUFFINO, G. (org.). Dialettologia, geolinguística, sociolinguística. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.

TARALLO, Fernando. Tempos linguísticos: **Itinerário histórico da língua portuguesa.** SP: Ática, 1990.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

Anexo A – Roteiro de Entrevista³⁵

I PARTE - BAIRRO (aprox. 5 min.)

Objetivo: descobrir o grau de ligação do informante com a localidade em que reside.

1. Vive há quanto tempo aqui (Centro, Avenida Piqui, Cohatrac, Forquilha)?
2. O que acha daqui?
3. Como e quando resolveu morar aqui?
 - a. Se o informante é antigo: lembra como era o bairro antes e quando se mudou pra cá? Mudou muito?
 - b. Se o informante é novo na localidade ou vem de outras: Em quais outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Qual a sua relação com os vizinhos?
5. Já teve algum desentendimento com eles?
6. Quem é a pessoa mais conhecida do bairro?
7. Como são as pessoas daqui?
8. Quando era criança, quem eram seus amigos na rua?

PARTE II - INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivo: deixar o informante mais à vontade, familiarizando-o com a entrevista, de modo a conseguir informações sobre sua vida pregressa e sobre pessoas que, de alguma maneira, fizeram parte dela.

9. Pode contar um pouco sobre sua infância ?
10. Em quais escolas estudou? Pode dizer falar um pouco sobre sua vida escolar?
11. Quem eram seus melhores amigos na escola?
12. Lembra de algum professor que te marcou na memória?
13. E sua adolescência, o que ainda lembra dela?

³⁵ Roteiro-base da entrevista. A partir dessa estruturação, desenvolveu-se uma conversa de cunho mais informal, de modo a instigar o informante a utilizar a variedade do português mais próxima do habitual. Vale ressaltar que falas transbordantes à entrevistas, em que nomes de pessoas eram mencionados, foram também consideradas na transcrição e posterior análise neste trabalho.

14. Há alguma amizade que trouxe de lá?

PARTE III - FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivo: obter informações sobre rede social do informante.

12. Você tem irmãos?

13. Você é casado? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

14. E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em São Mateus/São Luís?

15. Quem é a pessoa mais velha da sua família?

16. Na sua família, quem é que costuma tomar as decisões ?

17. Como chamavam você quando era criança? Algum apelido? Quem te deu esse apelido?

18. Quem são seus amigos mais próximos hoje em dia?

PARTE IV - TRABALHO/OCUPAÇÃO

Objetivo: obter informações sobre rede social do informante restritas a vida profissional.

19. Você trabalha? Onde?

20. Qual sua função?

21. Como é sua relação com os colegas de trabalho?

22. Pode citar com quais mantém uma relação mais próxima?

23. Quem é o chefe de lá? Como ele é?

PARTE V - INFORMAÇÕES CULTURAIS

Objetivo: fazer com que o informante mencione nomes de pessoas distantes do seu círculo social.

24. Está assistindo a algo no momento? O quê? Pode falar mais a respeito?

25. Pode listar 5 séries que você mais gosta?

26. Quais personagens mais te marcaram? Pode falar mais sobre eles?

27. Qual estilo musical você mais gosta?

28. Tem algum cantor ou banda que costuma ouvir sempre?
29. Costuma passar quanto tempo nas redes sociais? O que costuma fazer lá?
30. Quem você acha que mais aparece nas mídias ultimamente?